

## APRESENTAÇÃO

Antonio Infranca<sup>1</sup>

O momento histórico em que foi feita esta entrevista (“Ismeretlen interjú Lukács Györggyel 1968 - ból”, entrevista desconhecida feita com György Lukács) é bastante indicativo: pouco mais de um mês antes da invasão soviética da Tchecoslováquia. Há um ano Lukács havia retornado ao Partido Operário Socialista Húngaro, após dez anos da expulsão, em função de sua participação na Revolução Húngara de 1956.<sup>2</sup> Assim, György Aczél, então secretário do Comitê Central do partido, encomendou a Ferenc Fehér, um membro da Escola de Budapeste, uma entrevista com Lukács. A entrevista não deveria ser publicada, mas usada como texto de discussão pelos membros do Comitê Central.

Talvez, exatamente por este motivo, as críticas de Lukács sejam mais radicais; o tom é desencantado, próprio de quem não espera grandes resultados de suas palavras, mas não pretende deixar de dizer a verdade. Antes do texto *Democratização hoje e amanhã* – o ensaio escrito por Lukács após a invasão da Checoslováquia, a qual se opôs – Lukács já havia expressado claramente as suas críticas ao POSH. Contudo, a entrevista permaneceu desconhecida até o ano de 1989, quando foi publicada na revista *Társadalmi Szemle* (números 6-7, maio e junho de 1989, XLIV, Budapeste, pp. 59-75 e 62-74) em sua língua original.

A entrevista não atraiu qualquer interesse, provavelmente em razão da queda do regime socialista húngaro e da língua de sua publicação ser pouco conhecida. Em 2019 a traduzi para o italiano, e agora aparece também em português, fazendo com que se torne conhecida de um público um pouco mais amplo. Este é o primeiro escrito de Lukács endereçado diretamente ao Comitê Central do Partido. O segundo seria aquele considerado seu Testamento Político, redigido poucos meses antes de sua morte em 1971.

O mote da entrevista foi o artigo “Capitalismo e reformas estruturais”, um dos últimos escritos de Togliatti, publicado em húngaro naquele momento, como recordação dos quatro anos de desaparecimento do líder italiano. Lukács reafirma o seu julgamento sobre Togliatti, ou seja, o reconhecimento de ter sido um grande tático. Lukács também acusa Stalin de taticismo; porém, no caso de Togliatti, o julgamento de taticismo não é uma acusação, mas o reconhecimento da habilidade do líder italiano de se movimentar num ambiente cheio de armadilhas, como aquele do comunismo internacional e da política italiana, sem fazer concessões excessivas ao dogmatismo stalinista. Esta habilidade também é consequência da história particular do partido comunista italiano, do discipulado gramsciano de Togliatti e de sua distância em relação à URSS. Aqui, Lukács identifica com precisão uma vantagem que Gramsci forneceu ao partido italiano: jamais entrar em contradição com a Terceira Internacional. Esta habilidade tática deu enorme autonomia ao partido italiano em relação às rígidas diretivas da Terceira Internacional.

---

<sup>1</sup> Tradução de Geraldo Magella Neres.

Revisão de Marcos Del Roio.

<sup>2</sup> Em 1956 houve um levante popular em Budapeste contra a direção stalinista do partido húngaro e que foi sufocada pela intervenção das forças do Pacto de Varsóvia. O partido se reorganizou com o nome de Partido Operário Socialista Húngaro e Janos Kadar assumiu a direção do governo e do Estado. Lukács teve que se exilar por algum tempo e foi excluído do Partido. Apenas em 1967 teve sua filiação de novo aceita.

Togliatti conseguiu se manter afastado da manipulação brutal de Stalin, imposta principalmente através de seu método, isto é, a tendência de pôr de lado a objetividade da realidade social e econômica, substituindo-a por decisões subjetivas de natureza essencialmente política, chegando assim ao uso da violência na realidade social e econômica. As decisões eram tomadas por Stalin sem uma visão estratégica, apenas com base nas circunstâncias táticas do momento. Algumas escolhas feitas por Stalin são consideradas positivas por Lukács, como é o caso do pacto Molotov-Ribbentrop, que eliminou as simpatias anticomunistas das potências ocidentais à Hitler, forçando-as à declaração de guerra.

Ainda em 1968, Lukács considera que o método stalinista não tenha sido superado e contrapõem Stalin a Lenin, mais precisamente à grande habilidade estratégica, e não apenas tática, de Lenin. O exemplo que Lukács destaca é o da Nova Política Econômica, na qual, ao derrubar os cânones do marxismo da Segunda Internacional, Lenin estimulou a formação de uma pequena burguesia agrária para aumentar a produção de alimentos na Rússia exaurida pela guerra civil e para iniciar um processo de acumulação capitalista que permitisse financiar a industrialização do país. Stalin interrompeu brutalmente esse processo, deportou e massacrôu milhões de camponeses, os pequenos proprietários de terra que eram os mais devotados apoiadores da NEP e do regime comunista, e avançou para uma industrialização forçada da Rússia, que teve dois resultados paradoxalmente opostos: modernizou o país, com custos humanos terríveis, mas permitiu à URSS derrotar o nazismo. Lukács trata o tema do exagero stalinista - deskulakização ou industrialização forçada - com sua proverbial ironia.

É preciso considerar que esta ironia é dirigida aos membros do Comitê Central, onde ainda há elementos neostalinistas, que são habilmente colocados na berlinda, assim como zomba da maneira stalinista de escrever a história do movimento comunista húngaro. Como corolário, Lukács condena a tépida política soviética de eliminar os elementos stalinistas dentro do partido e na sociedade civil.

Lukács critica a ciência na qual estes membros do Comitê Central fundamentam suas decisões políticas, que é uma falsa ciência, ainda deformada pela abordagem stalinista, que ignora a realidade concreta e a substitui por uma realidade artificial, habilmente criada para manipular a consciência dos cidadãos e dos operários. Lukács aborda, por exemplo, o mito do empobrecimento, segundo o qual a miséria estaria desaparecendo, tanto no mundo do socialismo real, quanto no mundo capitalista. Lukács, já nos anos sessenta, havia identificado a tendência, que continua vigorando mesmo no mundo globalizado atual, de aumento do empobrecimento apenas em alguns lugares do planeta e em alguns estratos sociais.

Na realidade, a riqueza se concentra cada vez mais nos estratos superiores, enquanto nos estratos inferiores se manifesta uma nova forma de miséria. A questão da nova miséria é que não importa a quantidade de bens que alguém possa consumir, mas quanto tempo livre de trabalho alienante lhe está disponível. Por tempo livre Lukács entende o tempo não manipulado pela indústria de consumo, pois se um trabalhador produziu bens e os consumiu em seu tempo livre, acaba contribuindo duas vezes para a manutenção do capitalismo, primeiro como produtor e depois como consumidor. Estes são os temas que havia abordado em *História e consciência de classe* e que estava tratando na *Ontologia do ser social*, exatamente na mesma época da entrevista. Nesse sentido, Lukács une as críticas ao socialismo real às críticas feitas ao consumismo capitalista.

É preciso ter em mente que Lukács, na década de Sessenta, acaba por relembrar o momento intelectual dos anos vinte na introdução de 1967, à *História e Consciência de Classe*. Nesta entrevista, ele retoma alguns desses temas, reafirmando sua decisão de que voltar aos temas de quarenta anos atrás não faz nenhum sentido. Todos os pensadores daquela época devem ser reconsiderados, inclusive ele mesmo, apenas do ponto de vista

metodológico, não pelas soluções que propuseram. Se estas soluções deviam ser adotadas nos anos vinte é uma coisa, mas em 1968 o mundo mudou e com isto as questões fundamentais se alteraram, exigindo que as soluções mudem também. É o mesmo convite a retornar a Lênin, que desenvolveria em sua velhice: privilegiar a situação concreta e encontrar soluções práticas concretamente realizáveis. Na prática, Lukács reitera que aqueles que reivindicam a prevalência absoluta de História e consciência de classe sobre seus ensaios subsequentes estão totalmente errados. A situação concreta mudou e esta obra-prima de sua produção filosófica só pode ser lida do ponto de vista histórico. É interessante que sustente essa tese justamente junto a Ferenc Fehér, que, como membro da Escola de Budapeste, defendia a incompatibilidade entre as obras *Ontologia do ser social* e *História e consciência de classe*.

Lukács observa que enquanto nos anos Vinte os sindicatos defendiam posições mais conservadoras do que os partidos social-democratas, nos anos Sessenta a situação se inverte: os partidos social-democratas no Ocidente, mas também os partidos socialistas nos países de socialismo real defendem a ordem existente; enquanto os sindicatos conduzem lutas operárias mais radicais. Criou-se uma cisão, segundo Lukács, entre as lutas sindicais e as lutas políticas dos partidos socialistas ou comunistas. Lukács não especifica se esta é uma divisão típica do Ocidente ou se afeta também o socialismo real. Se isto estava acontecendo sob os olhos de Lukács no Ocidente, lembre-se que cerca de dez anos após a morte de Lukács, o Solidarnosc levou para as ruas a luta dos trabalhadores contra o regime socialista polonês. No entanto, é uma divisão que se torna cada vez maior entre os trabalhadores e a representação política dos trabalhadores.

O paralelismo capitalismo/socialismo também continua nos embates da política de esquerda. Lukács acusa os partidos comunistas ocidentais de não terem sido capazes de identificar o fundamento do mal-estar operário e de se deixarem ultrapassar pelo movimento estudantil. Lembre-se de que a entrevista é de julho de 1968 - e, um ano depois, pelo menos na Itália, mas não na França - o movimento operário encontrou no Partido Comunista Italiano um apoio prodigioso para realizar algumas das transformações sociais, econômicas e políticas mais avançadas do Ocidente, superando energicamente a influência do movimento estudantil. A falta de análise por parte dos comunistas se soma à idiotice do sistema educacional, de formação da juventude. Lukács reconhece aos estudantes a vontade de não se deixarem stupidificar pelo sistema escolástico, a vontade de se tornarem protagonistas de sua própria formação intelectual. Em suma, Lukács é atraído pela vontade dos estudantes de formarem sua própria consciência civil, ou mesmo, sua própria consciência de classe; pois sua simpatia pelo movimento estudantil é sincera e compreensível à luz das reflexões contidas em *História e consciência de classe*, quando se detém na análise da alienação intelectual. Tema que também é retomado na entrevista, ao destacar a crescente especialização, exigida pelo capitalismo monopolista, que inviabiliza a visão global dos problemas entre os especialistas.

As questões principais são a gestão do trabalho na fábrica e do tempo livre fora da fábrica. Sobre a gestão do trabalho na fábrica, alguns anos depois, pouco antes de sua morte em junho de 1971, Lukács elaborará a teoria do "trabalho bem feito" contida na entrevista *Testamento Político*, defendendo então que o operário tem condições de dirigir e avaliar seu próprio trabalho com base em sua experiência profissional. Assim, seria oportuno ampliar o espaço de participação operária na gestão da fábrica, justamente em decorrência desta experiência anterior de trabalho. O convite de Lukács aos membros do Comitê Central é para revisarem a planificação econômica a fim de ampliar a participação operária. Lukács dá um exemplo para se tomar como modelo: as ordens que eram dadas no exército soviético baseavam-se na lógica "tarefa e solução", ou seja, os oficiais definiam uma tarefa e deixavam aos suboficiais a escolha de como fazer para se chegar à solução dessa tarefa. A mesma estrutura poderia ser utilizada na gestão de uma fábrica, ao definir a meta a ser alcançada e deixar a busca de como se atingir a meta para a participação operária, dirigida pelos

engenheiros. As principais questões são, portanto, a gestão do trabalho na fábrica e do tempo livre fora da fábrica. O tema de uma vida digna é típico do marxismo, que é reproposto ao Comitê Central do Partido no poder. Vê-se que Lukács já apreendia os sintomas da transformação da sociedade industrial em algo diferente; começava a se delinear a sociedade de serviços e o setor terciário.

Lukács continua insistindo, ao longo da entrevista, sobre o tema da democratização, ou seja, a participação operária ou a discussão de temas que provenham da vida cotidiana dos cidadãos. Na prática, ele antecipa os temas de *Democratização hoje e amanhã*, que redigirá alguns meses depois. Ele está convencido de que os operários executam melhor as tarefas que lhes são atribuídas, se participaram da discussão dessas tarefas, se estão convencidos de que deram sua contribuição ativa para o estabelecimento dos objetivos a serem alcançados. Lukács define este tipo de democracia como "democracia direta", que é a antítese da planificação stalinista, na qual os objetivos são estabelecidos de cima, sem qualquer envolvimento ou participação da classe trabalhadora em sua definição.

O aspecto destacado da discussão dos temas da vida cotidiana, por outro lado, é a expansão da democracia da fábrica, do local de trabalho, e sua passagem para a sociedade civil, para a gestão do tempo livre. A brincadeira que faz, a sugestão de entrar no transporte coletivo e ouvir os assuntos discutidos pelo povo, é indicativa da distância que o partido, a sociedade política, se colocou entre si e os cidadãos, a sociedade civil. Um partido que não atende as exigências mais elementares e fundamentais dos cidadãos perdeu o controle e o consenso da sociedade civil.

Como ressalta Lukács, na URSS, a democracia direta dos Sovietes transformou-se em democracia parlamentar, uma democracia muito distante das necessidades concretas dos cidadãos. Lukács convida os políticos a discutirem as questões do cotidiano, ainda que apenas a nível de Parlamento, quando após uma reunião parlamentar estão voltando para casa; ou seja, estão retornando à sua vida cotidiana, para que discutam e se deem conta das necessidades concretas dos cidadãos.

Na prática, Lukács está descrevendo um fenômeno que vivemos atualmente em nossas democracias, que estão se tornando cada vez mais formais e cada vez menos diretas. Os problemas da vida cotidiana são enfrentados superficialmente, assim como acontecia na Hungria de János Kádár, que, mesmo sendo a melhor forma de expressão do socialismo real, estava bem distante de ser uma democracia direta. Assim, podemos compreender a relevância da concepção lukacsiana da democratização da vida cotidiana, mas também a sua percepção da impossibilidade de se reformar o regime húngaro de socialismo real a partir de dentro. Pelo tom utilizado por Lukács, fica claro que ele não acredita que suas palavras serão ouvidas pelos membros do Comitê Central, mas que as questões que coloca são as mais fundamentais de uma democracia. Contudo, o socialismo real não era de forma alguma uma democracia direta ou uma democracia participativa. Lukács é muito claro quanto ao fato de que o socialismo, em seu início, era uma democracia direta, quando, dentro dos soviets, os trabalhadores tinham ampla oportunidade de participar da gestão da coisa pública. Ele convida os membros do Comitê Central a retornarem a esta experiência, desafiando-os a ser o que já não eram mais, ou seja, comunistas.

Diante desta provocação, Lukács critica radicalmente a intenção de Kádár de fazer do marxismo não mais a única ideologia, mas a teoria hegemônica na sociedade civil húngara. Lukács não vê uma transformação radical do marxismo no que diz respeito aos estragos causados durante o stalinismo, quando ele mesmo classificou aquele período como pior que a ditadura de Horthy<sup>3</sup>, porque naquela época a expansão do marxismo na sociedade civil húngara foi mais dificultada do que estimulada. O marxismo deveria ser refundado, restaurada à sua autenticidade original - e isto não se limita apenas ao marxismo húngaro,

---

<sup>3</sup> A ditadura do Almirante Horthy durou de 1920 a 1944. Foi aliado da Alemanha nazista na II Guerra Mundial.

porém, inclui também o marxismo ocidental. Este renascimento deve deixar de lado todos os exageros típicos do stalinismo, deve abordar as questões concretas da vida cotidiana, como uma maior difusão de bens aos trabalhadores e, acima de tudo, decretando o fim da hegemonia do modelo soviético.

Não se pode acreditar que tudo o que vem da URSS deve necessariamente ser excelente. A vida cotidiana na União Soviética não confirma esse mito de forma alguma. Além disso, os interesses da Hungria nem sempre podem estar subordinados aos da União Soviética. Lukács afirma explicitamente que o policentrismo do partido togliattiano deve ser tomado como exemplo. Assim, seu julgamento sobre a revolução chinesa é mais matizado do que em outras ocasiões, porque ele reconhece a Mao o mérito de ter buscado uma síntese original entre o marxismo e a tradição chinesa, mesmo que nem todas as suas conclusões sejam adequadas e corretas para a realidade chinesa.

Além de analisar a situação das sociedades do socialismo real, Lukács analisa também as sociedades capitalistas e descobre alguns fenômenos comuns a ambas, como o do desenvolvimento do setor terciário. Note-se que estamos em 1968, e este fenômeno está apenas em seus primórdios, mas não escapa ao olhar atento de Lukács. A análise de Lukács é feita com as ferramentas do marxismo, ou seja, os conceitos de mais-valia absoluta e relativa, mas ele consegue apreender a nova função que é atribuída à mais-valia relativa e à exploração do trabalho imaterial. Desta forma, apreende o aumento do empobrecimento nas sociedades capitalistas e os protestos crescentes de trabalhadores e estudantes, que não receberam nenhum apoio por parte dos partidos de esquerda. Segundo Lukács, somente os sindicatos fizeram alguns gestos de solidariedade a estas formas de protesto.

Outro tema abordado por Lukács é o da luta contra o colonialismo. Ele denuncia a incapacidade dos intelectuais marxistas de fornecer uma teoria adequada para as lutas de libertação do imperialismo travadas no final dos anos sessenta. E esta incapacidade parece-lhe estar completamente de acordo com o que o próprio Lenin havia reconhecido: não existe uma teoria universal para explicar cada uma das lutas específicas de libertação nacional. Cada nação que deseja se libertar do colonialismo deve fazê-lo à sua própria maneira. É um claro desafio ao uso de modelos oriundos da União Soviética, da China ou de qualquer outra experiência bem-sucedida de libertação, que não pode ser transferida para situações distintas daquelas originais. Além disso, Lukács condena a sujeição da política dos vários partidos comunistas nacionais à política externa da União Soviética.

Em minha opinião, o problema é quando ele diz que a violência revolucionária é compreensível para salvaguardar a revolução. Este é o argumento utilizado inicialmente para justificar a violência stalinista na União Soviética, logo nos primórdios da instauração do comunismo, um argumento que seria constantemente repetido pelos regimes de socialismo real para justificar seu caráter autoritário. Nesse sentido, Lukács se declara a favor da total liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que condena o espírito de fração, ou seja, as posições preconcebidas que obstaculizam a atividade política, que inviabilizam a liberdade de expressão. A liberdade de expressão é fundamental na atividade científica e intelectual.

Ao longo da entrevista, Lukács insiste continuamente no papel dos intelectuais no enfrentamento das questões centrais da vida cotidiana. Ele cita episódios pessoais, nos convida a acompanhar as lutas estudantis dentro das universidades por um saber não “idiotizado”, nos convida a deixar de lado a crescente especialização, presente mesmo nos países de socialismo real, no campo da pesquisa científica. Enfim, convida os intelectuais marxistas para renovar o marxismo com o retorno ao marxismo autêntico de Marx, Engels e Lenin. Em suma, fica patente a percepção da oportunidade perdida no aprofundamento dos estudos marxistas, especialmente nos países de socialismo real. Por outro lado, seu interlocutor, Fehér, como membro da Escola de Budapeste, aparece em seguida como um exemplo concreto do abandono dos estudos do marxismo.

Lukács faz um aceno importante para a América Latina. Pode-se destacar que ele conheça pouco a realidade latino-americana; aliás, ele mesmo reconhece essa falta de conhecimento. Portanto, quando fala em monocultura afirma uma verdade muito superficial e válida especialmente para Cuba, sem validade para realidades maiores e mais complexas como os casos de Brasil, Argentina ou México. Mas afirma, como fez quando mencionou a rejeição de modelos pré-estabelecidos fora das realidades nacionais a serem analisadas, que uma correta análise marxista da realidade latino-americana deve vir de dentro dos estudos marxistas latino-americanos. Mais uma vez ele sente a necessidade de encorajar o aprofundamento do marxismo, mas desde a perspectiva própria e original de cada realidade social, econômica e política.

Recebido em 31-08-2019

Aprovado em 12-12-2019

## LUKÁCS FALA ENTREVISTA INÉDITA DE 1968

G.Lukács<sup>1</sup>

C Fehér – Hoje conversamos sobre o fundamento da figura teórica e política de Togliatti. Companheiro Lukács como considera as qualidades de Togliatti na defesa da teoria marxista, e onde identifica os limites teóricos da sua figura?

Lukács – Se eu falo do homem Togliatti, devo antes de tudo reconhecer que se trata de um homem de uma excepcional capacidade política, com uma visão oportuna sobre a peculiaridade de cada situação, que estava em constante investigação e não raciocinava esquematicamente sobre nenhum problema; portanto, seria possível afirmar que foi em nossa época, indubitavelmente, uma das maiores figuras políticas. Deve-se ainda acrescentar – e isto não diminui a sua importância – que apesar de Togliatti ser relativamente a maior personalidade política desta época, entretanto, reproduz em grande medida os erros fundamentais dos meios marxistas.

Deve-se, então, dizer mais precisamente que no momento atual, por certas suas particularidades – a tática substitui completamente a análise teórica dos princípios. Togliatti, mesmo que abordasse muito melhor que todos os seus contemporâneos a questão, não chegava até as conclusões teóricas decorrentes, porém, é necessário ainda admitir que, depois da morte de Lenin, ninguém pôs em prática as conclusões das suas análises, ainda que sejam muito claras também em relação a linha tática.

Fehér – V. fez referência, muitas vezes, e em particular nas suas declarações e escritos, a deformação das relações entre tática e estratégia, como uma das principais doenças do atual desenvolvimento do marxismo. Poderia indicar com um ou mais exemplos este problema na figura de Togliatti?

Lukács – Acredito que se trate de uma questão extremamente fundamental. Engels já tinha falado, na sua época, sobre esta questão, afirmando que o socialismo científico sempre se expressou sobre a necessidade de uma investigação científica específica sobre a própria época. Lenin se move nesta direção, como alguns seus excelentes contemporâneos – lembro por exemplo, Rosa Luxemburg – e analisou a particularidade teórica do novo capitalismo e do imperialismo a ele contemporâneo. Daquela particularidade teórica foram elaboradas estratégias apropriadas, entre as quais emerge também a questão tática.

É claro que durante a revolução, as lutas imediatas se representavam diretamente como conflitos táticos, mas nestes conflitos táticos pode-se enxergar, com extrema clareza e em primeiro plano, afirmações de grandes problemas teóricos. Pensemos somente como Lenin tratou a passagem efetiva do comunismo de guerra à NEP, não como um novo problema tático, mas antes como uma questão ao mesmo tempo tática e estratégica, derivada de uma análise fundamental da situação. Quando, depois da morte de Lenin, emergiram grandes e complexas questões da revolução, nenhum dos homens que participavam daqueles debates – e sob este aspecto não se trata apenas de Stalin, mas também de Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bukharin e dos dirigentes dos partidos europeus –

---

<sup>1</sup> Tradução do italiano por Pedro Leão da Costa Neto.

Revisão de Marcos Del Roio.

foram capazes de compreender, entre as questões teóricas gerais do marxismo, mas inseridas em uma nova fase específica, aquele principal problema fundamental do momento, isto é a questão de um efetivo socialismo em um Estado socialista em construção, e por isso o problema foi adiado até hoje, seja no movimento europeu, que nos países socialistas.

Esta nefasta deformação, depois de Lenin, se reforçou, tanto que, nos tempos do stalinismo, essa corroborou plenamente as tendências antidemocráticas sobre as quais toda pesquisa científica foram suspensas até hoje. Se percorrêssemos no socialismo as obras teóricas econômicas criadas, veremos que são sempre substancialmente variações em relação aos antigos princípios; mas pelos efeitos da deformação antes recordada, os leitores da imprensa comunista ocidental acreditam ainda hoje na teoria do empobrecimento crescente, enquanto a maioria da classe operária americana pensa como preencher o tempo livre. Aqui existe uma grotesca controvérsia, da qual – até mesmo – o próprio Togliatti não soube libertar-se.

Fehér – Porém, talvez, Togliatti haja compreendido a contradição desta situação e, até um certo ponto, se serviu do grande culto a Gramsci, que caracterizava o conjunto do Partido Comunista Italiano. O valor de Gramsci, ao mesmo tempo, chamou a atenção também para a questão da herança teórica dos anos vinte, da qual faz também parte a sua obra de título História e Consciência de Classe, e outras. Segundo o seu ponto de vista, o quanto é explorável a herança teórica dos anos vinte nos nossos conflitos atuais?

Lukács – Creio que devemos começar por uma atitude crítica. Sem dúvida foram produzidas, em relação a teoria de Lenin, novidades teóricas nos anos vinte. E sem dúvida elas existem em Korsch, em Gramsci e nas minhas próprias obras daquela época. Aquelas posições foram erradicadas na época pela Komintern, sobretudo quando se trata de Korsch e de mim, ao contrário a grande vantagem do movimento italiano foi que Gramsci não entrou em conflito com a Komintern, portanto aquilo que era positivo em Gramsci, e existiam muitas coisas positivas nele, pode ser utilizado nos problemas do movimento italiano.

Porém se olharmos as teorias dos anos vinte, existe nelas um erro, que está em oposição aos desenvolvimentos sucessivos do Komintern. O desenvolvimento sucessivo, de fato, negligenciou grande parte das questões teóricas, se orientando na direção de caráter puramente tático. Penso que é o que aconteceu sobretudo em relação Korsch. Tentamos, por meio de Lenin, traduzir as questões teóricas do conjunto do marxismo, não falo de quanto justamente ou não, em relação a mim mesmo, porque sobre isso já escrevi várias vezes. Não existe muito mais nestas questões teóricas, de um correto ponto de vista, todavia por nossos meios criando ou continuando a desenvolver estas teorias não foram retiradas as consequências práticas nos âmbitos da estratégia e da tática, portanto, permanece o fato que falta uma análise decisiva dos anos 20 na teoria marxista.

O mesmo ocorre com a oposição, porque – como poderia dizer – se tomou o problema muito por cima, muito genérica, da mesma maneira que no partido de governo, porque se reduziu problema a pura tática. Permaneceu uma tal abstração, e deve lembrar-se que a Komintern, do qual Lenin era o teórico, viveu uma época de relativa estabilização e no final deste período nos anos 30 se defrontou com a crise de 29, da qual nasceu a ilusão que poderia se repetir o momento de 1917 e era ainda possível realizar o socialismo na Europa.

Durante este período, a análise do capitalismo deixou de lado o fato que o capitalismo no conjunto do âmbito social havia se colocado sobre uma nova base: o fascismo não era a renovação da velha reação, mas ao contrário uma reação específica do novo capitalismo.

Por consequência uma compreensão teórica verdadeira do fascismo surgirá, apenas, aproximadamente em 1935, com a reflexão de Dimitrov. Tudo isto falta profundamente na teoria comunista. A causa desta situação é que não soubemos aprender dos teóricos oficiais dos anos 20 uma medida historicamente válida hoje, mas se pensássemos resolver nossos

problemas de hoje, retornando aos teóricos críticos dos anos 20, isso seria na minha opinião um erro, até mesmo no caso de Gramsci.

Fehér – Se se aceita Togliatti como um teórico estimulante – e penso que também o senhor seja dessa opinião – evidentemente a primeira questão epocal, que estimula a reflexão, é da estrutura do capitalismo de hoje e isso coincide com a contradição até aqui por V. indicada. Em que V. identifica sumaria e brutalmente a particularidade estrutural da base do novo capitalismo, quais estratégias do movimento dos trabalhadores podem ser previstas?

Lukács – Podemos identificar um grande fato econômico geral? Quando Marx fundou sua teoria, Engels e Lenin elaboraram sua própria estratégia no sentido clássico, o verdadeiro capitalismo realizou uma grande concentração de matéria-prima, de trabalhadores e da indústria mecânica. A satisfação das necessidades humanas estava no poder dos artesãos. Portanto, o capitalismo para Marx é antes de tudo a relação entre matérias-primas, trabalhadores e indústria mecânica. No período imperialista, o capitalismo se expande para a sociedade inteira. Por outro lado, hoje todos sabem que a produção no seu conjunto – dos sapatos aos aparelhos de barba – na sua inteira totalidade é resultado da produção da grande indústria: não obstante o setor de serviços seja muito menor que a grande indústria – não sou um economista e conheço apenas as estatísticas de segunda mão, mas economistas me informaram – hoje na América no setor de serviços são empregados mais trabalhadores que na indústria.

Este é um fato extremamente importante, por isso – analisando antes de tudo teoricamente – deve ser posto em primeiro lugar aquilo que Marx conhecia claramente. Marx percebeu que o desenvolvimento do capitalismo progredia na passagem da exploração da mais-valia absoluta para a mais-valia relativa, porém deve-se acrescentar que Marx não percebeu o aspecto sucessivo de uma época radicalmente nova no capitalismo. Ele, em uma passagem, explicou que a mais-valia absoluta é a submissão formal da produção ao capitalismo, que, entretanto, com a passagem para a mais-valia relativa advém a submissão real. Portanto, no fundo a essência do capitalismo se realiza dessa maneira.

Todavia isso envolve uma questão fundamental. Não é possível esquecer que Marx e Engels já tinham analisado de forma justa e notável a questão da pauperização, mesmo que sucessivamente em Kautsky tudo isso se desvie do quadro principal. Deve-se acrescentar que as observações de Lenin são muito precisas. Portanto, a questão é se a pauperização é a base para uma revolução socialista, então como podemos realizá-la na sociedade atual? Não é possível que nós acreditemos na opinião que no mundo inteiro se extinga a miséria, obviamente não é assim! Nem mesmo nos Estados Unidos!

A questão é somente que não há uma tendência geral do capitalismo para a pauperização e, portanto, em segundo lugar, se deve procurar novos motivos do conflito capitalismo/socialismo emergente na sociedade atual, e que se se partir simplesmente de uma análise elaborada há oitenta ou noventa anos, se chegará a conclusões completamente incorretas e ruins.

Pensemos, por exemplo, o quanto então foi decisiva, para a formação da Segunda Internacional, a questão da jornada de trabalho de 8 horas, como um gigantesco objetivo atingível.

Os poetas da época escreveram versos sobre isto, porque a diminuição do tempo de trabalho está em relação com a própria vida humana.

Hoje para uma parte considerável da classe operário o problema fundamental é como se ocupar do tempo livre. Hoje, com uma semana de trabalho de 5 dias, se deve encará-la como uma questão resolvida para uma parte significativa do movimento operário, em relação aos problemas do tempo de trabalho de noventa anos atrás; isto é – sem ser um economista, quero apenas acenar para uma questão muito importante – a estrutura do

capitalismo atual se diferencia do velho capitalismo, no que diz respeito a seus efeitos por isto no que toca as suas consequências, mesmo contra todas as chamadas previsões: segundo os esquemas do século XIX teriam se sucedido já quatro grandes crises, a partir de 1929, quando ocorreu a última grande crise, e transcorreram-se quarenta anos desde então e não ocorreu nenhuma.

Se a nova estrutura tem uma tal base, a minha convicção é que primeiro poderíamos julgar em geral sobre a estratégia ou sobre a tática, portanto a nossa primeira tarefa seria uma verdadeira análise sobre esta economia: mas ninguém prosseguiu esta tarefa, nem os russos, nem a Komintern, e acrescento nem Togliatti nem o Partido italiano.

*Fehér* – Fica evidente que a verdadeira questão seria aquela que a nova estrutura do capitalismo fez surgir novas tensões e conflitos sociais, tanto que podem conter o início da nova estratégia do movimento operário.

*Lukács* – Antes de tudo, para ainda completar o que foi dito anteriormente, se deve explicar que sobre a base desta mudança, da qual já falei, a classe capitalista enquanto classe é hoje amplamente interessada na classe trabalhadora como classe consumidora. Este fato não existia no velho capitalismo. Talvez aqui se realize uma nova situação da qual não sei naturalmente dar uma verdadeira análise, na medida em que não sou um economista, mas desejaria indicar apenas alguns aspectos importantes.

Por exemplo que na luta contra o fascismo na aguda contraposição com a sociedade capitalista os partidos existentes enquanto tal, para assim dizer, cessaram de existir mundialmente. Hoje, exceto França e Itália, mundialmente não existem Partidos Comunistas como grandes e influentes críticos; também em todas as partes os partidos socialdemocratas constituem a ala esquerda do capitalismo – muitas vezes não completamente à esquerda. A confirmação de tudo o que disse é de que não seria possível chamar “industrial” a nova sociedade, e quase não a poderia nem mesmo chamar “capitalista”, mas desta situação muito poucos tentam dar hoje uma explicação.

No entanto, enquanto no capitalismo pré-guerra os partidos socialistas representavam a esquerda do movimento operário e com respeito a eles os sindicatos organizados estavam à direita dos movimentos completamente espontâneos da classe operária, hoje a situação está completamente invertida, e talvez abstraído-se inteiramente dos sindicatos americanos corruptos, é possível dizer que os sindicatos estão, em muitos aspectos, à esquerda dos partidos trabalhadores (por exemplo, na Inglaterra e na Alemanha Ocidental).

Somente na Alemanha, chamo a atenção sobre um fato muito claro, que a tática manipuladora do partido alemão (o Partido Social-democrata) provocou por fim não apenas a revolta dos estudantes, mas também a resistência do sindicato.

Se se repensa a tediosa situação das condições das necessidades humanas, então se sabe que o verdadeiro contraste era entre sindicato e partido. Isto significa que em uma parte considerável da classe operária, aquilo que Lenin viu claramente no seu tempo, a espontânea resistência frente aos capitalistas existe ainda, como mostraram muito claramente, por exemplo, os últimos acontecimentos franceses.

Porém nós comunistas não avançamos até o fim nestes fenômenos, e com isso não andamos até os extremos do que consiste a verdadeira sujeição e a exploração da classe operária no capitalismo de hoje, portanto, não fomos capazes de oferecer um verdadeiro programa à resistência, que sem dúvida ainda existe extraordinariamente e é muito profunda.

Só para mencionar. Por um lado, não é verdade que em todos os países a classe operária vive em total bem-estar. Em toda parte, há camadas atrasadas da classe trabalhadora, dentro das quais os trabalhadores estão muito empobrecidos.

Em segundo lugar existe, por exemplo, o problema da satisfação das necessidades. Falo novamente dos Estados Unidos. O primeiro grau de satisfação das necessidades, se se refere ao creme de barbear, a pasta de dente ou a semelhantes artigos de luxo, foi alcançado; mas todos sabem que na América fatos tão elementares da vida operária, como a questão da moradia, são ainda totalmente negligenciados.

Novamente sem que eu seja um economista e sem ser capaz de analisar estas questões em todos os lugares, deste fato fundamental se deduz que sempre se trata do capitalismo e que persiste também para o futuro a contraposição capitalismo / classe operária, pela qual em todos os lugares é um verdadeiro nó de consequências práticas, as quais, porém, se podem descobrir somente no devido tempo, se realizada seriamente a análise econômica da inteira época.

Porém desejaria apenas acrescentar o que não diminui a essência do problema: segundo a minha convicção nesta nova fase os aspectos ideológicos terão um papel maior do que tiveram nos tempos passados do capitalismo. Gostaria de justificar isto com um argumento. Se no século passado os trabalhadores conduziram uma ação pela diminuição do tempo de trabalho, então iniciaram uma ação puramente econômica, mas aquela ação, ao mesmo tempo, era pela superação da alienação humana, que o tempo de trabalho muito prolongado provoca em todos os trabalhadores, e dos quais encontramos muitas referências nas obras de Marx.

Estes dois motivos foram aparentemente separados e diferenciados um do outro. Agora, porém, a questão é como um trabalhador vive uma vida humanamente digna entre as imposições da atual divisão do trabalho, do tempo livre etc., quando já não se trata de prolongar em duas horas o tempo livre semanal, pelo contrário se trata do que faz o trabalhador neste tempo, submetendo-se ou não a manipulação capitalista e procurando os motivos adequados para o desenvolvimento humano proletário.

*Fehér* – Aqui, e mesmo em outros lugares, V. mencionou e atribuiu grande significado a manipulação. Quanto pesa a manipulação, como sistema geral nas relações capitalistas?

*Lukács* – Segundo a minha convicção a necessidade da manipulação surge do fato que os hábitos de consumo e os serviços mudaram o caráter capitalista da sociedade. Eu compreendi pelo fato que até quando um estaleiro naval continua a construir navios, claramente, as relações com as empresas navais e as relações econômicas são possivelmente simples, também considerando a concorrência. Ao contrário se se produz e se vende creme de barbear, perfumes, roupa íntima etc. sob a forma da grande indústria, então se realiza uma profunda cisão com relação ao passado.

Para o creme de barbear produzido em milhões de exemplares, por exemplo, são possíveis apenas compradores individuais, e em relação a isto nasce uma luta efetiva, que denota um estágio completamente novo. Se deve manipular o comprador individual de alguma maneira. Creio que seja clara a diferença. Se existem dois estaleiros navais, então ambos convidarão os técnicos das empresas navais para explicar as vantagens da própria fabricação etc. Se eu quiser que o meu creme de barbear seja vendido em dez milhões de exemplares, então será necessária uma gigantesca campanha publicitária, na qual não será suficiente afirmar que o meu creme de barbear é melhor que os outros, porque nesse são tais excepcionais substâncias e que são somente no meu. Faço um anúncio publicitário, no qual um homem se barbeia com o meu creme de barbear e uma mulher o abraça pelo pescoço, à direita e à esquerda, porque está estonteada pelo perfume, liberado pelo creme de barbear. Portanto, devo introduzir um motivo sexy que manipula os compradores para que comprem o meu creme de barbear. Desde a literatura até a arte isto é difundido no mundo inteiro, e a política, ou a arte, recebem da técnica de vendas do capitalismo este método, e a situação da atual produção é que, sob esta base, os grandes trustes capitalistas manipularão, fazendo caminho, o gosto dos homens e todo tipo de atividade, do emprego até a vida sexual. Esta manipulação tem um fundamento econômico.

*Fehér* – Mesmo passando ao lado político, mais especificamente para a democracia manipulada, expressão usada pelo senhor diferentes vezes: como isto se relaciona e como relacionou-se com o desenvolvimento na democracia burguesa?

*Lukács* – No que se refere ao novo, creio que a democracia burguesa se transforma cada vez mais em pura democracia formal. Estes desenvolvimentos eram visíveis desde anos na luta entre parlamentares e a administração, na qual se é sempre perfilada basicamente a superioridade da administração. Por isso agora, a manipulação tornou-se central, em certo sentido, nos países capitalistas avançados. Sendo gigantescos os gastos de manipulação, por exemplo, nos Estados Unidos hoje existem apenas dois partidos, porque um indivíduo não pode pagar sozinho as despesas eleitorais. Na Inglaterra por exemplo, o Partido Liberal apenas vegeta, e existem efetivamente, mais uma vez, apenas dois partidos; e se consideram as intenções, que existem hoje na República Federal Alemã, e que também De Gaulle representa na França, e que se manifestam em modo tal que o parlamento, portanto uma instituição democrática eleita por todos, da qual todavia estão excluídos institucionalmente inteiros movimentos de massa e os estados de espírito das massas, e na qual por meio do capitalismo, a gestão política, organizada para a manipulação, contamina o país inteiro qualquer que seja o aspecto específico da manipulação. Os sistemas manipulatórios reorganizaram inteiramente para seus próprios fins a assim chamada democracia parlamentar.

Na melhor das maneiras, na Alemanha atual, é possível julgar onde, já desde o princípio, se excluam das eleições todas os partidos que não alcancem 5 por cento dos votos. Consequentemente, pode ocorrer que meio milhão de indivíduos representativos de um certo ponto de vista não sejam representados no parlamento. Isto, porém, os alemães atuais não consideram ainda uma suficiente manipulação. Querem introduzir um sistema anglo-americano, de modo que na Alemanha haveria um direito eleitoral muito estreito, pelo qual só os candidatos elegíveis seriam os representantes dos dois maiores partidos. Nisto consiste a livre escolha, a eleição democrática.

*Fehér* – A luta contra a democracia manipulada propõe a questão fundamental e estratégica do XX Congresso do PCUS, isto é a possibilidade de uma coexistência pacífica dos dois sistemas e a vitória parlamentar do socialismo. Como o senhor vê estas duas questões fundamentais, em particular o significado real das duas últimas?

*Lukács* – Precisamente esta foi naturalmente uma questão muito importante do ponto de vista de Togliatti. O XX Congresso, efetivamente, efetuou um passo à frente em relação ao período stalinista. A opinião de Stalin era que com os vários movimentos pela paz era possível impedir a guerra, entretanto o desencadeamento da guerra imperialista era uma necessidade inevitável. O XX Congresso encontrou uma nova solução, sem que, no entanto, fosse feita uma análise dos mais profundos motivos, segundo os quais a guerra poderia necessariamente extinguir-se. O motivo direto, naturalmente, era o pacto atômico, que impedia, de alguma maneira, o conflito “impossível” entre as duas potências, Estados Unidos e União Soviética – como aliás ocorreu na crise cubana e hoje ocorre no Vietnã.

Mas falta, entretanto, na análise, o fato que este, para o capitalismo é um problema de pura tática, no qual são conservadas todas as formas do imperialismo, para o qual quando se trata de União Soviética deve-se evitar a agudização extrema dos conflitos. Mas devemos continuar a julgar os tempos que estamos substancialmente vivendo como uma época imperialista, onde, contra a liberação dos povos coloniais, os Estados Unidos construíram um novo e potente neocolonialismo, no qual, conseqüentemente, somos confrontados com uma série de guerras locais, com a probabilidade de que apesar da dissuasão, inicie a guerra atômica, da qual existem sintomas perigosos.

No entanto o XX Congresso produziu um novo sistema de relações, que demoliu as formas, existentes desde 1945, da guerra fria e isto é muito importante do ponto de vista da humanidade, para a qual as relações tecnológicas, culturais, pessoais possam se realizar em

campos gigantescos, favorecendo no espírito das massas uma certa força antibélica. Mas devemos esclarecer que o novo desenvolvimento não faz cessar a própria guerra. A Inglaterra foi forçada a renunciar ao colonialismo, mas agora a colonização americana subsiste igualmente, e a questão de toda América do Sul, e também a questão vietnamita, que não são mais que dois casos de todo um inteiro nó de uma luta de libertação anticolonial. No entanto os Estados Unidos iniciaram uma guerra no Vietnã, com a crueldade bestial que praticaram, sem, porém, problemas com a coexistência mundial.

O XX Congresso enxergou indubitavelmente o aspecto justo desta situação no seu desenvolvimento, mas a libertação colonial está em estágio comparável àquele do tempo de Lenin. E como naquela época, estamos muito despreparados. No tempo de Lenin, depois da Primeira Guerra Mundial, existia certa tensão em relação aos países imperialistas. Lenin, na essência das suas palavras, tomou como alvo as primeiras resoluções da Komintern, e, por exemplo, disse que na China existem certas contradições, mas que não havia nenhuma ideia de onde se tinham originado. Lenin disse abertamente e lealmente que era a favor da libertação da China, como marxista, e como estrategista, mas também de não ser capaz de dar qualquer conselho aos chineses, para que pudessem tomar posição nas questões concretas. Aqui está uma grande dificuldade do socialismo em relação a questão colonial no seu conjunto.

Foi herdado de Marx e de Lenin o extraordinário ponto de vista teórico, segundo o qual, os povos que oprimem os outros povos não podem ser livres e, então, herdamos o ponto de vista justo sobre a questão da libertação dos povos coloniais. Mas não herdamos a análise econômica, da qual resultam os problemas concretos de cada país singular e de como os seus caminhos possam seguir numa direção positiva; sobre isto não existe um nosso, mesmo que vago, conceito marxista.

Este é apenas um lado da questão. O outro é que evidentemente no conjunto do mundo capitalista civilizado, não existe uma aguda situação revolucionária. E não é possível tomar incisivas posições revolucionárias com a violência – como sabiam muito bem Marx e Lenin.

Consequentemente emerge o sentido de uma nova estratégia e de uma nova tática. Por isso Togliatti, que era um grandíssimo tático, se exprime por uma real abertura da democracia e do socialismo sobre a via parlamentar. Mas – e aqui o futuro é ainda incerto – não sabemos dar um conteúdo econômico a este progresso. Acredito que, sob o aspecto econômico, não seja verdadeiro que o capitalismo saiba representar e esgotar todos os interesses da classe operária; com relação a isto, já falei anteriormente, mas no capitalismo atual a classe operária como consumidora é um fator tão significativo como nunca foi anteriormente na história. A tarefa dos marxistas seria de desenvolver a análise do capitalismo atual e identificar quais são hoje os problemas importantes e vitais para a classe operária, que do ponto de vista do lucro, não estão em primeiro plano e que, por isso, o capitalismo não sabe e não quer enfrentar.

A aproximação oportunista e não oportunista a este desenvolvimento democrático consistiria no seguinte: o partido da classe operária que sabe aproveitar estas questões de vida da classe operária, que do ponto de vista do consumo são decisivamente de pouca importância, pelos quais o capitalismo não sabe e não quer resolver, porque não correspondem a direção do grande lucro. Estas questões estão no interior, também dentro espontaneamente, nas impressões do proletariado.

Tudo isso é revelado claramente das gigantescas greves que eclodiram na França e que ainda não foi possível desmobilizar, e contra as quais – e aqui está a terrível distorção – os partidos de esquerda querem, como partidos da ordem, encaminhá-las no sentido da negociação. Se fossem verdadeiros partidos leninistas, conhecendo da maneira leninista o conjunto da estrutura do capitalismo francês, então poderiam elevá-las do nível da luta sindical ao nível da luta política. Aqui dentro existe uma particularidade, que este problema

é claramente um problema de tática: como fazer emergir o problema da revolução ou da evolução da luta, isto é, de como somos capazes de encontrar no capitalismo atual os problemas concretos da luta de classes, nos quais se enfrentam o capitalismo e o proletariado.

*Fehér* – Mais próxima a questão seria então aquela de unificar a força dos partidos comunistas com a força dos movimentos de massa, que ideologicamente são muito confusos, embora apareçam muito energicamente. Se vejo corretamente se trata de diferentes tipos de movimentos de massa: um certo movimento que reivindica reformas sociais e religiosas, os movimentos sindicais e da juventude e à frente os estudantes universitários.

*Lukács* – Creio que os pontos sejam justos; sem respeitar a ordem, em primeiro lugar tomaria a questão sindical e poria o problema **nessa relação**. Lenin colocou a questão assim: o sindicato pode servir de arma à consciência espontânea em formação como movimento, uma vez que não é mais espontâneo. Sabemos que, segundo Lênin, não é a consciência sindical, mas sim a consciência social-democrata - como ele então chamava - que deve entrar desde fora da classe operária. Esse "de fora" está faltando hoje e, portanto, os partidos comunistas às vezes não são inteiramente capazes, no sindicato, de usar, até a revolução, a consciência espontânea que floresce novamente.

Agora passo a outra questão: aquela estudantil. Devemos lembrar que tínhamos considerado que nas atuais lutas o papel da ideologia é maior que nas lutas do passado. Isto encontra a sua expressão na juventude, ainda em forma totalmente espontânea, e demonstra que as categorias marxistas são as categorias do ser econômico e puramente intelectuais, assim precisamente a luta de caráter puramente ideológico é possível espontaneamente ou não espontaneamente, como uma efetiva luta sindical. O conteúdo intelectual, a posição dos intelectuais, como posição social, não é uma garantia que a questão supere a espontaneidade. Os movimentos existem em todo mundo, e aqui se trata de uma revolta espontânea, e nós podemos dizer que a parte mais avançada dos estudantes não quer ser tomada por idiota: esta é a minha concepção, veja que a educação que se recebe na universidade, a faz tornar idiota, e não querendo se tornar, e contra isto se rebela, mesmo que sem um programa e sem um caminho. Atrás deste problema – se tenho liberdade para esboçar brevemente – vejo que existe o desenvolvimento da ciência, que o desenvolvimento do capitalismo e as perturbações que provocam na sociedade avizinham sempre mais um do outro. Para dar um exemplo grosseiro disto: 150 anos atrás havia uma piada infantil que perguntava se no mundo material existe um problema físico ou um problema químico. Hoje é muito mais difícil dizer. Podemos responder um pouco simplificada e hoje que a física entrelaça muito melhor a química e a química entrelaça muito melhor a física.

Falemos de sociologia, demografia e outras ciências – como está na moda hoje entre nós - e se você der um objeto real à coisa, então fica claro que para a história, a economia, a sociologia, a demografia, a politologia existe um único objeto comum. Naturalmente é possível realizar, no interior de um complexo, investigações técnicas específicas, mas aquelas investigações não valem nada, se o homem não observar a totalidade do ser.

Este é o desenvolvimento objetivo. Neste desenvolvimento objetivo, ao contrário, o objetivo do capitalismo monopolista é instaurar a maior diferenciação, porque mesmo que exista um concreto objetivo técnico – seja de um míssil, ou de um creme de barbear, ou de uma minissaia, deste ponto de vista é totalmente indiferente - então se oferece uma ocasião para uma investigação especial, que forneça um *optimum* técnico.

O capitalismo deseja que os homens sejam um *team work*, habituados a especialização, e os técnicos especializados os mais perfeitos possíveis, tanto melhor compreendem sua técnica, tanto menos sabem intervir sobre os verdadeiros problemas. E tanto menos sabem intervir sobre os verdadeiros problemas, tanto melhor será para a gestão capitalista. Esta separação, que existe entre desenvolvimento técnico e uso capitalista da ciência, mesmo que concebida espontaneamente, desencadeia aqueles movimentos

estudantis; e que o reconhecimento marxista da coisa, a análise marxista da atual situação ideológica seria uma ajuda gigantesca para os estudantes.

Cessaria isto que acontece agora, ou seja, que em todo lugar existem defensores da utopia.

Não respondi ainda sobre a questão religiosa, sobre a qual nós temos ainda uma antiga má teoria. Essencialmente - mas Marx e Lenin não fizeram isto – do iluminismo e de Feuerbach nasce aquela tradição, segundo a qual se quer defender que as construções teológicas não são compatíveis com os resultados da história e da ciência natural. E é verdade.

Mas aqui não está a raiz da religião. O problema da religiosidade é que a forma religiosa não se satisfaz do ordenamento geral da ideologia social, mas reage a tomada de posição de todos os homens singulares enquanto indivíduos e a vida pessoal. Esses medem o bem somente com o ponto de vista da religião. O direito conduz a uma legislação geral que deve liquidar os furtos. O homem, que não rouba, não escapa absolutamente ao direito, somente os ladrões escapam ao direito. Portanto a religião através dos padres procura direcionar a vida privada de todos os homens singulares. Como consequência do desenvolvimento atual do capitalismo se acrescenta uma gigantesca desorientação nos homens, porque segundo as prescrições religiosas seriam incapazes de se orientar na vida cotidiana.

Ainda uma vez, somente os comunistas podem superar esta inferioridade de princípio porque não podem separar os problemas. Segundo a minha opinião, efetivamente, a religião, mesmo aquela “radicalmente” moderna, afirma sempre uma realidade suprassensível, onde se situa a raiz última da ação do homem singular, e isto é em clara alternativa a concepção do mundo radicalmente mundana do marxismo. Não é possível portanto tratar do acordo, da aproximação, entre as duas concepções no sentido geral. Ao contrário do ponto de vista social, em geral, a começar pelo divórcio até a controle da natalidade, por exemplo, mas em centena de questões da vida cotidiana, os partidos radicais – e em primeiro lugar os partidos comunistas – devem apoiar as aspirações de reforma interna da religião. E não vejo nisso nenhuma contradição.

Muito característico, é que Lenin, em artigos dedicados a religião, põe em contraste a religião e o marxismo e, ao mesmo tempo – protestou contra aqueles que misturavam qualquer questão sindical com a religião; isto é, com aquelas medidas religiosas que feriam em grande medida os interesses das massas, e defendeu que na reforma destas medidas os partidos comunistas deveriam dar apoio a esquerda. E na minha opinião não existe razão – e é um esforço destituído de princípios – para os comunistas italianos ou franceses inventar compromissos deste tipo.

*Fehér* – Por fim uma pergunta em relação ao tema seguinte: muitas vezes o senhor defendeu que a insuficiência interna do desenvolvimento dos Estados socialistas repercute gravemente sobre os movimentos de esquerda dos países capitalistas desenvolvidos. Como poderia apresentar mais concretamente este problema?

*Lukács* – Creio que a simpatia da classe operária para com o socialismo está em relação com o fato que o socialismo representa os mais profundos e espontâneos interesses desta classe. Isto leva também os intelectuais em direção ao socialismo, porque no capitalismo sentem a insensatez da própria vida, e no socialismo, ao contrário pensam de encontrar uma vida racional. Digo isso também subjetivamente: foi isso que me levou, e como eu também inúmeros outros homens, na direção do comunismo. É possível ver isso muito claramente na literatura de 1917 – 1919. Seria possível vê-lo, também, claramente nos anos vinte, quando na União Soviética reinava a fome. Naquele tempo tomei parte em Viena de inúmeras reuniões, nas quais procedíamos a arrecadação de alimentos para as regiões russas, e depois das assembleias, porém, sem exceção se era rodeado de 20-30 intelectuais.

Levantavam questões sobre como poderiam, com a ajuda do socialismo, tornar sensata a própria vida; ou seja, nos anos vinte existia um estado de espírito, em uma parte notável dos intelectuais burgueses de cuidarem da própria vida, enquanto nós não cuidávamos da nossa, porque na Rússia existia uma carestia.

Na Rússia – nos tempos de Stalin – se manifestou em amplos círculos uma dura manipulação, relacionada a decadência ideológica, gerada pela posição tomada no plano tático, que penetrou também no interior do partido com consequências para todos, assim que hoje uma parte muito pequena dos intelectuais acredita que, com a ajuda daquela manipulação difusa que existe nos países socialistas, se poderia criar uma vida privilegiada para eles mesmos. Pela nossa reforma interna, por causa da consolidação do stalinismo, que de todo modo ainda sobrevive e o qual também na Hungria há uma tendência, o único subproduto muito importante será que os homens começam a exigir um pouco do ponto de vista intelectual para a própria vida, e também depois na prática e na teoria dos Estados socialistas. Sei que isto ainda não ocorreu e que seria desagradável para muitos se você se manifestasse abertamente; até o ponto que, enquanto por tanto tempo tenham seguido a ideologia, agora não podem mais defender uma situação deste tipo; porque, infelizmente sei de muitas ocasiões em que, em congressos nacionais, as atuais posições oficiais e, em muitos casos, mesmo os seus próprios representantes provocam risos, em vez de serem considerados como guia.

Já sublinhei anteriormente, e mencionei os motivos, que na atual mudança haverá um papel muito maior para os elementos ideológicos, em relação ao passado, e se pode acrescentar, precisamente, que os países capitalistas realizam mais radicalmente que nós, a fragmentação e a divisão da ciência. Já percorremos um longo caminho tentando especializar os técnicos, e, portanto, nós socialistas, em vez de representar a síntese ou as grandes questões para os idiotas especializados, também nós criamos camadas especializadas, na condução do capitalismo, até a formação pelos capitalistas de um horizonte adicional de especialistas. E agora passo à nossa situação [da Hungria]. Agora, finalmente, o camarada Kádár também disse acertadamente aos escritores que não se quer alcançar uma posição de monopólio, mas de hegemonia, para o marxismo.

Porém com este marxismo que temos, jamais conquistaremos a hegemonia, porque este marxismo é a pior espécie de manipulação das coisas. Deveria estar claro que devemos voltar ao verdadeiro marxismo, e com a ajuda desta renovação, seria realizada, também aqui a hegemonia que poderia influenciar o movimento ocidental, que poderia servir ideologicamente como modelo, porque – e novamente insisto – a ideologia terá uma maior importância do que teve no século XIX.

*Fehér* – Passemos a um outro grande complexo de questões, das quais Togliatti se ocupou apaixonadamente durante toda a sua vida, podemos dizer que a sua morte, é decisiva também para nós – e para o conjunto do movimento operário. Como é sabido, hoje domina amplamente mais a cisão do que a unidade. Em que coisa identifica as maiores causas históricas que constituíram a dissolução da unidade e a consolidação de uma grave cisão?

*Lukács* – Eu acredito que existam causas objetivas. Quando chegou o fim da I Guerra Mundial, então, pelo menos em toda a Europa Central – surgiu o problema de uma grande unidade para conduzir ao socialismo as massas populares radicalizadas provocadas por causa da destruição bélica. Existia, portanto, um problema comum e emergem as corretas resoluções dos primeiros congressos da Internacional, que tocavam estes problemas gerais.

Bem, mencionei anteriormente, que não foi reconhecido, no entanto, que, na nova estabilização relativa, surgiram novos problemas, o que implicava substancial e fundamentalmente a possibilidade concreta da revolução proletária, presente em 1917 e novamente em 1919, mas que se extinguiu em seguida, o que, conseqüentemente, fez surgir uma situação, que então nós nem imaginávamos teoricamente.

Em particular, tornou-se possível que, na mesma situação, a ação do proletariado de dois países diferentes tivessem respectivamente interesses opostos, Trago apenas um ótimo exemplo. De minha parte, como manobra política, considero o pacto de Stalin com Hitler e Ribbentrop inteligente, porque, se não tivesse acontecido, Hitler teria começado a guerra no Oriente e atraído a simpatia da Inglaterra e da França que o teriam apoiado materialmente. E viria criar uma situação extremamente perigosa para o socialismo mundial.

Stalin conseguiu evitá-la, com uma decisão habilidosa e sabedoria tática, a preparação de uma única frente, assim Hitler desencadeou, em um primeiro momento, a guerra na direção ocidental e com isto criou as condições de uma coalizão mundial, que conduziu a queda do nazismo.

Faço um aceno a isto, porque no Ocidente é frequente criticar Stalin por este pacto. Ao contrário eu defendo que Stalin tomou uma decisão habilidosa. Porém Stalin, deduzindo como consequência disso (e aqui inicia o erro, que eu sempre denunciei, que de decisões táticas se retirem elementos teóricos estratégicos), declarou que aquela guerra era como a Primeira Guerra Mundial. Consequentemente a palavra de ordem, que na sua época defendeu Liebknecht, de que o verdadeiro inimigo está na sua própria casa. Mas isto simplesmente não era verdadeiro, porque independentemente do pacto Hitler-Stalin, o dever da classe operária francesa e inglesa era, naturalmente, aquele de proteger a pátria contra a invasão de Hitler.

Eu, também, por boa sorte posso em geral me nomear como um escritor que não é de oposição. No primeiro volume de *Os Comunistas* de Aragon, descreve-se muito bem que, conforme dito anteriormente, se impediu de maneira inédita as reações dos melhores comunistas. Assim a desconfiança em relação ao comunismo permanece ainda agora e o povo francês não considera os comunistas como radicais, antes como um partido que está a serviço da política externa russa. Aqui se manifesta de maneira inteiramente objetiva que na mesma situação, na qual segundo o juízo histórico universal, Stalin e o partido francês estavam contra Hitler, afinal, podiam tomar uma posição tática na qual Stalin estabelece um pacto com Hitler e o Partido Comunista Francês combate Hitler até a morte. Tais situações se repetiram continuamente.

Aceno com um outro exemplo: quando explode a guerra indo-chinesa, sem dúvida o Partido Comunista Indiano estava defronte a um conflito já velho para ele, segundo o qual ou defendia a pátria ou defendia a pátria do socialismo. Isto significa que se deve analisar (observar) globalmente, que na situação atual não pode ser mantida a ideologia de 1917 e a unidade da III Internacional.

Agora então a questão: existe realmente a unidade?

Para mim a unidade existe, e Togliatti falou muito corretamente do conflito universal da classe operária relativamente ao capitalismo. Como disse Togliatti, não é possível negar a centralidade de tal conflito, só porque existe a dificuldade de que neste momento ele não seja suficientemente concreto. Para nós hoje, defronte a posição do capitalismo atual devemos defender uma perspectiva universal de progresso e tal perspectiva deveria unificar todos os partidos comunistas, e, no entanto, atua e é a tarefa cotidiana em todo lugar. Disto deveria derivar a unidade mundial dos partidos comunistas.

Agora dentro desta unidade mundial, na posição atual – segundo a minha opinião – se pode adotar estratégias particulares. Não é verdade que – agora não se fala de tática – seja possível que o partido italiano tenha a mesma estratégia do partido indonésio ou brasileiro. Aqui mais uma vez o desenvolvimento econômico dos respectivos países é decisivo, porque do desenvolvimento econômico resultam as perspectivas econômicas, políticas e ideológicas.

Como consequência disto muito provavelmente existe a possibilidade, hoje, no mundo, de quatro ou cinco linhas estratégicas particulares dentro da perspectiva geral mencionada anteriormente. Dentro estratégia geral não é possível decidir se os problemas táticos do partido italiano sejam os mesmos do partido francês ou belga ou inglês.

Agora, porém, não me parece que se tenha criado uma teoria geral do movimento, após o qual - como eu disse antes - até mesmo grandes movimentos articulares são feitos; não é ainda possível construir uma dialética, ainda não é possível construir uma dialética, segundo a qual, no interesse de uma perspectiva comum, todos seguem basicamente a estratégia e táticas convenientes para si mesmo. Não vejo nisto nenhum tipo de contradição insanável e neste sentido seria possível criar uma unidade revolucionária da classe operária, de modo, porém que todos os partidos singulares estejam em condição de plena independência tática. Se não for assim hoje o problema da unidade estaria falsamente levantado. Por um lado, os companheiros russos desejam a sua tática particular como obrigatória para o mundo inteiro, por outra parte os partidos reclamam uma independência tática completa, que no partido italiano é expressa no policentrismo de derivação togliattiana. Acredito que, como se vê globalmente, não existe sequer um acordo; eu defendo a possibilidade de elaborar uma plataforma de unidade, que é um problema teórico, no qual as grandes diferenças são elas mesmas sempre problemas teóricos.

Se soubéssemos alcançar uma análise marxista do mundo atual e a partir disto soubéssemos desenvolver uma perspectiva socialista, então seria possível que todos os partidos, ou grande parte destes, pudessem compreender e praticar a unidade. Não se pode criar um acordo sobre a questão tática, pela qual não se pode, por exemplo, tornar obrigatória a todos os partidos comunistas de ver um Estado socialista no Egito. O Egito não é um Estado socialista. Agir assim hoje seria é muito vantajoso para a política exterior russa, que quer que exista um Estado socialista egípcio. Mas controlar a tática do partido italiano ou querer controlar a tática do partido iugoslavo é uma coisa impossível e inviável.

Consequentemente creio que Togliatti reconhece hábil e agudamente na concepção do policentrismo a parte prático-tática do problema, mas não reconhece que a questão da unidade do movimento é uma grande questão teórica.

*Fehér* – V., em lugar do policentrismo, - ao lado da unidade teórica do movimento mundial – se pode ser dito desta maneira, acena à estratégia continental. É claro que, por trás disto estão os grandes problemas econômicos dos diversos continentes. Eu ficaria agradecido se algum problema econômico fundamental deste tipo fosse levantado, problema que determina a política geral dos partidos comunistas que lá lutam.

*Lukács* – É uma situação muito difícil, porque eu não sou um economista, nem me considero um especialista. Para entrar direta e livremente na questão. Em geral Marx não considerava economicamente o desenvolvimento mundial como um desenvolvimento único. É sabido que a concepção marxiana do socialismo se fundava no fato que a dissolução do comunismo primitivo no mundo mediterrâneo criou a forma da pólis da cultura escravista, a dissolução da cultura da pólis o feudalismo, o feudalismo o capitalismo, e que do capitalismo iria nascer o socialismo. Daqui deriva uma grande perspectiva de história universal. Porém Marx já em *O Capital* indicou, e mencionou também em outros numerosos escritos, as chamadas relações de produção asiáticas. Isto é felizmente conhecido na Hungria, também porque Tökei<sup>2</sup> reuniu as observações de Marx e Engels relativas a este modo de produção. A essência da questão é que da dissolução do comunismo primitivo na Europa, a formação singular em desagregação cria uma formação econômica de ordem superior sempre mais elevada até o socialismo, enquanto as relações asiáticas de produção – Marx escreve muito bem sobre isso em *O Capital* – propriamente ditas, após todas as crises restabelecem o antigo fundamento, isto é, desencadeiam apenas um progresso

<sup>2</sup> Ferenc Tökei (1930 – 2000), aluno de Lukács, filósofo e sinólogo, autor do livro *O modo de produção asiático*.

estático, como um beco sem saída. Marx estudou estes processos, quando as relações asiáticas de produção entram em confronto com o capitalismo colonizador. Existem artigos de Marx, muito interessantes sobre a Índia, sobre esta relação. Durante o progresso sucessivo o momento do confronto se refere também ao problema do socialismo.

Para um marxista é claro que esta estrutura processual indicada é uma estrutura europeia. Do “feudalismo chinês” ao socialismo, o colonialismo pôs em confronto as relações asiáticas de produção com o capitalismo e vice-versa, e daí derivou alguma coisa que nem Marx, nem Engels, nem Lenin tinham analisado teoricamente. Acrescentando que isso também não era nem mesmo necessário, mas que se tratava apenas do fim do colonialismo, era claro que a palavra de ordem, a palavra de ordem retomada de Marx, fosse somente que um povo que oprimia um outro povo não era livre.

Nos anos vinte, portanto, quando se aproximavam os problemas iniciais da Revolução chinesa, e aqui surgia um significativo confronto entre Trotsky e Stalin sobre a nova situação (digo entre parênteses que por uma indicação superior a editora Kossuth omitiu o assunto relativo a isso do livro de Tökei). É importante dizer que a situação teve uma consequência. Trotsky, interpretando equivocadamente, utilizou as observações de Marx sobre o sistema de produção oriental. Partindo do fato que na China não tinha existido feudalismo, portanto não existiam sobrevivências feudais, portanto não haveria a transformação da revolução burguesa em revolução socialista, concluía na que na China era possível uma revolução socialista direta. Nisso Trotsky não tinha razão e Stalin tinha razão quando reivindicou uma solução transitória. Mas teoricamente se resolveu que éramos defronte a sobrevivências do feudalismo chinês e que se tratava de liquidá-las. Por consequência Stalin, mais uma vez taticamente e com um movimento errado, inventou uma teoria inteiramente falsa e contrária ao marxismo, que só revela o papel tático de si mesmo. Desafortunadamente estamos, ainda agora neste ponto e já faz trinta anos que, segundo os livros russos, teria dominado na China um feudalismo que nunca existiu.

É possível julgar de modo marxista a revolução chinesa, se o nosso ponto de partida é um feudalismo inexistente? É claro que o que dizemos sobre a revolução chinesa torna-se um palavreado vazio e que, se não se retorna ao ponto de vista de Marx, nunca entenderemos verdadeiramente os movimentos de desenvolvimento saídos das relações asiáticas de produção. Está a nossa frente uma tarefa teórica enorme. Agora não é o momento de afirmar se na China Mao tem razão ou não, porque para eu ser sincero, da minha parte, direi que, desconhecendo as circunstâncias econômicas, não se pode dar uma resposta adequada. Por isso seria uma tarefa desejável uma análise marxista pelos marxistas chineses, que conhecem melhor a formação chinesa e a história da sua dissolução, e sabem onde Mao se enganou com uma análise deficiente apesar de uma boa disposição.

Seria esta uma tentativa de uma solução teórica do problema chinês.

*Fehér* – Se posso aqui permitir-me uma hipótese teórica: não se pode, precisamente, explicar a convulsão interna chinesa com aquela tensão entre cidade e campo que são muito maiores no modo de produção asiático, em relação ao desenvolvimento europeu, e não posso com isso explicar o fracasso da primeira tentativa revolucionária de produção industrial, ou pelo menos as suas convulsões, que levaram o partido chinês a uma completa crise interna?

*Lukács* – Peço desculpa, mas não sou capaz de dar uma resposta. Muito provavelmente por causa do fato que Mao em seus resultados tenha assumido em parte a antiga tradição chinesa, em parte também Marx e Lenin, onde os compreendeu. Agora que ele chegue a partir de uma teoria incorreta a conclusões incorretas, é fácil de diagnosticar. O problema mais difícil seria determinar o caminho real do desenvolvimento chinês. Determinar quais tipos especiais de problemas surgem, se se confrontam as relações asiáticas de produção com o desenvolvimento moderno capitalista e socialista. Neste caso poderia surgir uma plataforma para o partido comunista chinês. Mas destaco que o Partido Comunista chinês, e não só a sua parte maoísta, nem mesmo daqueles chineses receptivos

ao Partido russo, não tocam substancialmente as questões fundamentais que exigem o desenvolvimento mundial.

*Féher* – É interessante que V. tenha tocado apenas algumas vezes de quais elementos econômicos, que em parte subsistem na América Latina como herança do sistema de plantações e que em parte constituem problemas fundamentais do continente africano. Poderia dizer algumas palavras sobre estes elementos?

*Lukács* – Aqui deveria ser ainda mais prudente. Lembro sempre que sou um filósofo que se ocupa de problemas econômicos, portanto sem nenhuma pretensão de ter aqui conhecimentos profundos.

Efetivamente Marx fez bastante, destacando os problemas do desenvolvimento mediterrâneo e com um trabalho rigoroso deixou como legado a questão do modo de produção asiático. Não analisou o desenvolvimento africano em relação com a política daquela época, e agora eu não acredito que para a África exista um desenvolvimento único. Vale dizer que a África setentrional através do desenvolvimento medieval árabe, não idêntico ao desenvolvimento do feudalismo europeu, teve um outro desenvolvimento em relação a muitas regiões da África, onde – se posso me exprimir de um modo paradoxal – por exemplo, a servidão da gleba poderia ter sido objetivamente um progresso gigantesco.

Obviamente eu não proponho de introduzir a servidão da gleba na África central, quero somente indicar que sobre a base daqueles poucos fatos que eu conheço, não se entende, se não parcialmente, muito provavelmente por causas climáticas, porque se deveria formar uma estrutura social assim tão primitiva. E também a colonização entra em confronto com o capitalismo. Geralmente considerando, nas particulares consequências do confronto colonial, em quase todos os países (e isto diz respeito também ao Norte da África, também a Argélia e a Tunísia) a agricultura se desenvolve em formas inauditamente primitivas.

No mesmo tempo se forma uma intelectualidade que estuda em Paris ou em Oxford e a começar do estruturalismo se apropria de todas as tendências europeias modernas. Faz parte deste problema esta gigantesca diferença entre o povo e a camada dirigente. Isto existiu igualmente no desenvolvimento europeu, mas mesmo assim existia uma diferença menor entre um operário de Lyon de 1789 e Robespierre, ou alguém crescido em Paris, que entre um cantor negro ou um poeta surrealista, e os africanos que se alimentam da colheita de bananas ou um pastor, e lá os pastores já representam um grande progresso.

De maneira que só agora se chega ao desvelamento destas diferenças, e se trata, portanto, de problemas inteiramente novos, pelos quais o marxismo deve se interessar. Não é possível, de fato, dizer que nos tempos de Tisza<sup>3</sup>, na Hungria, a questão do direito de voto universal era uma questão muito importante e neste momento não seja uma questão muito importante que na Nigéria se introduza agora o direito de voto universal.

Apenas algumas palavras sobre a América do Sul. Aqui se trata, naturalmente de um sistema largamente mais desenvolvido, e não há dúvida que se é iniciado um movimento revolucionário plenamente burguês e anticolonialista, desde Bolívar até a revolução mexicana. Mas aqui se deveria evidenciar uma grande particularidade. Se se pensa que o ser humano, na Inglaterra com a ajuda da acumulação primitiva desenvolveu, com o apoio dos grandes latifundiários, o capitalismo e o proletariado, que na França com o fim do feudalismo e com a divisão em parcelas desenvolveu o capitalismo, que nos Estados Unidos, onde o território era livre e não existia o feudalismo, desenvolveu uma cultura de fazendas agrícolas e desenvolveu o capitalismo, vemos facilmente que os ingleses, os franceses e os

---

<sup>3</sup> István Tisza (1861-1918), político húngaro, Presidente do Conselho de 1903 até 1905 e de 1913 a 1917, considerado responsável pela entrada do Império dos Habsburgos na guerra, foi assassinado em 31 de outubro de 1918 pelos revoltosos.

estadunidenses exercitaram especificamente uma profunda influência sobre o conjunto da estrutura da economia fundada no capitalismo.

Na inteira América do Sul, ao contrário, a colonização estabeleceu uma monocultura e os marxistas ainda não investigaram absolutamente como, em tais condições, a efetiva libertação da exploração capitalista da monocultura agiria como caminho que conduzirá mediante o camponês livre em direção ao socialismo. Não é possível observar aqui, à primeira vista, a mesma questão da revolução clássica na Europa, isto é o parcelamento do grande latifúndio, a criação de lotes, que no conjunto caracteriza o ano 1793 e da mesma forma 1917, porque a grandíssima parte da monocultura não é transportável alhures.

Aqui são inúteis os debates que tratam de Cuba. Até o momento que não se examine esta questão baseado nos fundamentos de uma economia rigorosamente marxista, não se pode fazer nada. Não se pode agir sobre ela, porque o meu entendimento põe em evidência exclusivamente o negativo, porque - repito -, não sou um economista, não me ocupo destas questões, não conheço uma clara solução para pôr sobre a mesa; mas tenho a obrigação de pronunciar-me e me dou conta até que não tenhamos resolvido estas tarefas para a Ásia, a África e a América do Sul, não será possível falar do comunismo como um verdadeiro elemento dirigente do movimento de libertação.

*Fehér* – Abordamos, novamente, um tema considerado delicado, sobre o qual V. tratou também inúmeras vezes, isto é, o tema, por exemplo, em mérito ao pacto soviético-alemão, pelo qual todos os partidos do movimento operário não puderam adaptar, imediatamente, a sua política de modo independente em relação ao ponto de vista da política externa soviética. É também indiscutível que os nossos dirigentes reiteraram inúmeras vezes que a hostilidade aos soviéticos em nenhuma circunstância poderia caracterizar o movimento revolucionário. Existem dois pontos extremos: por um lado é a hostilidade dos dirigentes chineses em relação aos soviéticos, por outro lado, de tempos em tempos, o alinhamento quase servil de muitos partidos comunistas a pressuposta política externa soviética. Referindo-se aos interesses reais, qual a via intermediária justa, qual o justo *tertium datur* se pode encontrar?

*Lukács* – Este é um tema delicado e naturalmente de extraordinário interesse. Já falamos sobre isto: em estreitíssima medida se relaciona com o fato que a diferença é muito teórica, entre as tomadas de posição e os singulares movimentos táticos, concernente ao mundo, e se é habituado a misturá-los juntos. Não se está livre de confundir as coisas. Deve-se saber que a existência da União Soviética, a sobrevivência da União Soviética, o fortalecimento da União Soviética é hoje o fundamento para o desenvolvimento do socialismo. Quem não sabe isto, não é socialista. Nós, orgulhosos húngaros podemos sabê-lo, porque já em 1919 se apresentou uma condição semelhante. Com efeito, os social-democratas então desejavam pedir ajuda para os nossos soldados, e para isto Szamuely<sup>4</sup> viajou para a União Soviética. Mas, anteriormente, se realizou uma pequena reunião, na qual no máximo oito comunistas tomaram parte, onde demos a Szamuely, que estava de partida, a indicação de comunicar a Lenin que a primeira questão mais importante era derrotar Kolcak e Denikin<sup>5</sup> e só fazendo abstração disso poderia nos dar ajuda, senão estaríamos entregues as nossas próprias forças.

Tenho uma profunda convicção que, segundo a minha concepção histórico-mundial de então, nós tínhamos decidido que era muito mais importante apoiar a luta da União Soviética contra a contrarrevolução, no lugar de oferecer ajuda para nós. Creio que a essência da questão era compreendida metodologicamente de forma correta: existe uma questão decisiva a qual o problema é a existência ou não do socialismo na União Soviética e isto acima do interesse particular de qualquer um. Mais com o tempo a União Soviética se

---

<sup>4</sup> Tibor Szamuely (1890 – 1919) foi ao lado de Béla Kun o mais conhecido dirigente da república dos conselhos.

<sup>5</sup> Dois generais russos do Exército branco antibolchevique durante a Guerra civil russa.

transformou em uma grande potência. Isto não significa que não existam manobras de todo tipo na política interna e na política externa, que não se referem a questão do socialismo, e isto não significa que não existam simplesmente coisas equivocadas, que comprometem a existência original do internacionalismo. Mas é possível, já me referi no exemplo precedente, ilustrar o contrário com um exemplo muito mais trivial? Estou habituado a conversar com muitas pessoas comuns. Entre essas pessoas comuns é difundida a opinião que não é permitido que a equipe nacional de futebol húngara vença a da União Soviética. Este exemplo é trivial até o ridículo, mas não é possível esquecer o que está por trás. Por trás existe um dado histórico-mundial inerente ao fato que devemos apoiar a União Soviética como centro do socialismo, e isto significa ainda que, também do ponto de vista dos nossos interesses socialistas, à medida da própria nacionalidade, o apoio a União Soviética é muito mais importante que os nossos interesses. Se as duas coisas desmoronam, e desmoronam na maioria dos casos, ocorre que o nosso apoio não tem nenhum peso para os interesses vitais da União Soviética e por consequência nasce a crença, que destrói os interesses do partido dentro e fora, que o nosso partido não é o representante do povo húngaro e que os interesses húngaros estão subordinados ao apoio da União Soviética.

A propósito da política externa da União Soviética, aqui pensamos, por exemplo, que a política antiamericana de De Gaulle confundiu extremamente, e ainda agora desorienta, a luta do povo francês contra o gaullismo. A União Soviética emprega tal posição tática, e acrescento, e a emprega justa e corretamente. Mas no momento em que se trata do povo francês, não há dúvidas que o seu grande interesse – e não falo em geral do socialismo – é derrubar a ditadura de De Gaulle e retornar a uma democracia burguesa, para a qual o partido comunista francês não está livre de escapar da ficção de poupar De Gaulle. Creio que neste caso é possível enxergar claramente no que consiste a dialética da questão.

Disto se segue naturalmente uma tomada de posição, extremamente decisiva: como a política externa da União Soviética, e também em relação a questões de política interna, põe em questão o movimento nacional. Quando o XX Congresso pôs a questão nacional, e em consequência disto, a crítica do inteiro período stalinista, teria sido necessária a implacável verdade, como fez, mesmo que muito diplomaticamente Togliatti, dentro de uma visão muito hábil. Togliatti de maneira hábil pretendeu observar através da posição objetiva da União Soviética para entender a tomada de posição de Stalin. Sabia que simplesmente com a crítica do “culto da personalidade” não chegaríamos a nada. Com isso, porém não examinou a questão fundamental, isto é que a guerra pôs em perigo a própria existência da União Soviética, que a ameaça hitleriana pôs fim as condições sociais do socialismo, que Marx atribuía a distribuição, isto é a divisão da população entre os diferentes setores produtivos, particularmente entre a indústria e a agricultura: para a União Soviética tal tarefa teria sido difícil ou quase impossível resolver sob o puro fundamento da democracia proletária de 1917.

Então, talvez tenha existido um problema objetivo. Mas Stalin resolveu o problema objetivo com uma brutal manipulação e todos os partidos devem criticar esta brutal manipulação, independentemente, e que o partido russo também avance na crítica. Agora a política interna russa é tal que eles fazem o que querem, mataram Béria e pouparam alguns outros. Frente a isso deve-se criticar a base de todo desenvolvimento e, até agora, não foi criticada a essência do stalinismo nos seus fundamentos; como disse anteriormente, a contradição permanece e o povo não acredita mais no partido, nem o mundo acredita que o stalinismo foi liquidado, se esta crítica fundamental não é posta em prática. Penso, por exemplo, que ainda hoje a imprensa soviética te trata como agente estrangeiro, se você tiver uma outra opinião do que da burocracia soviética sobre o marxismo. Claro, agora, não te mandam para a prisão por 20 anos como agente estrangeiro, mas este fato não muda que no marxismo é uma coisa inadmissível ser acusado de agente estrangeiro só por ter uma opinião contrária.

Também a questão do antissemitismo é um outro assunto absolutamente decisivo, onde o movimento – e também neste caso o movimento húngaro tem um interesse primordial – gostaria que se fixe resolutamente, sem qualquer consideração, qual seja a tomada de posição da União Soviética.

*Fehér* - Aqui se toca uma série de questões sobre as quais devemos voltar inevitavelmente. Agora apenas uma pergunta em relação a unidade do movimento. V. também mencionou, ironicamente, como exemplo, a “nomeação” do Egito como um país socialista.

Tais nomeações são bastante comuns na ordem do dia, são sinais de subjetivismo. Quais critérios objetivos podemos encontrar para julgar as características dos movimentos anti-imperialistas que lutam ao nosso lado; sob quais bases podemos julgar se um movimento na realidade é de caráter socialista ou somente anti-imperialista ou se podemos falar apenas de movimentos nacionalistas?

*Lukács* - É possível analisar se um movimento seja socialista ou não pelas disposições sociais internas ao movimento. Se eu sou cético em relação ao socialismo egípcio, é porque conheço onde chegaram as condições sociais do Egito, porque considero impossível que no Egito exista realmente um socialismo. Isto não significa que o Egito possa ter um caráter decididamente anti-imperialista e não faço objeção que a União Soviética apoie o Egito e apoie o movimento de unidade árabe, assim como não faço objeção que um bom jovem seja socialista e um mau não o seja. Enfim que aconteça como nos tempos de Rákosi<sup>6</sup>, que quem recebe o prêmio Kossuth deveria escrever elogiosamente sobre Rákosi, sem nenhuma consideração sobre o que representava como escritor, é totalmente equivocado, e não é possível projetar tal modo sobre a política nacional ou internacional.

*Fehér* – Passemos para uma série de questões, das quais Togliatti também se ocupou: o socialismo tem uma problemática interna, da qual V. já começou a falar. Começemos com a expressão “stalinismo”, que é imputada a muitos. Se examinarmos a substância do assunto, que coisa V. indica do stalinismo sob aquele “ismo”?

*Lukács* – Uma antiga tradição existe no movimento operário. Existiram muitos excelentes representantes do movimento operário de Proudhon à Rosa de Luxemburgo, que desde certos pontos de vista tinham se ocupado respectivamente do socialismo e não tinham se detido em questões singulares, mesmo que as suas opiniões estivessem erradas no método. Talvez seja suficiente citar o nome de Lassalle. Na Alemanha, e mesmo, no conjunto do movimento operário se fala de lassallismo – sobretudo a propósito da sobrevivência do Estado e de outras questões – com isto Lassalle tinha um método e um sistema e tinha uma solução para a referida questão. Segundo a minha opinião, existe efetivamente um método staliniano, cujo fundamento e coroamento é a subordinação de todas as questões ao ponto de vista tático. Stalin inverteu o que Engels estabeleceu de modo correto: que existe uma teoria da qual decorre uma estratégia e da estratégia decorre uma tática. Em Stalin o processo está invertido, e a tática invertida, enquanto tal, cria uma teoria. Vemos que o XX Congresso refutou como teoria equivocada, aquela pela qual “as contradições se agudizam continuamente na sociedade socialista”. Mas estou convencido que Stalin não parte daquela teoria, só que ela era necessária para legitimar os grandes processos dos anos 30 e por isso a inventou.

Já tínhamos lembrado que Stalin, do ponto de vista puramente tático, elaborou uma avaliação errada da Segunda Guerra Mundial, por causa do pacto com Hitler. Isto percorreu o inteiro stalinismo, com a convicção que a tática invertida trazia instrumentos infalíveis. Portanto, ninguém corrigia a si mesmo e toda vez surgia uma nova teoria, até o absurdo e o completo descrédito do prestígio do partido. Pensemos o seguinte fato: quando os grandes

---

<sup>6</sup> Mátyás Rákosi (1892 – 1971) político húngaro, de 1945 a 1956 secretário geral do Partido Comunista Húngaro e do Partido dos Trabalhadores Húngaro.

processos iniciaram, Stalin disse que estes estavam voltados contra quem não pertencia ao movimento operário. Consequentemente se deveria reescrever a história de 1905 e de 1917 sem Trotsky. Com qual resultado? Tinha tornado ridículo a própria ciência.

Pensemos na Hungria. Naquela época, quando tínhamos retornado para a casa em 1945, Kun<sup>7</sup> já tinha sido condenado. Consequentemente na história do partido húngaro, a ditadura húngara era representada sem Bela Kun e dever-se-ia fazer alguma coisa a propósito, e assim puseram Rákosi, durante a ditadura húngara no episódio central em defesa de Salgótarjan (digo entre parênteses: nas memórias de Gyula Hevesi<sup>8</sup> nega-se ainda a verdade daquele fato, mas se fosse assim, então outros 25 fatos militares deste tipo teriam acontecido na ditadura húngara). Ora, Rákosi falhou; então finalmente seria extinta a ideologia central de Salgótarjan. Nas histórias do partido illustrei apenas este episódio. Se as histórias do partido consideram os méritos a partir da revelação passada da história do partido, e não ao contrário pelo presente, com isso se degrada os valores do nosso próprio movimento. Trouxe um exemplo meio pela metade, a história do partido, mas que percorre toda a nossa história, pode-se ver que as decisões não representam a segura expressão das soluções do complexo de fatos – algumas vezes sim, isto eu não ponho em dúvida -, pelo contrário em relação as decisões se formam sempre uma atmosfera, que pretende adequadamente modificar a realidade mesma das decisões. Até que possamos erradicar isto, até aquele momento não poderemos oferecer uma visão correta, da economia a cultura, até a política.

Outro exemplo sobre uma parte fundamental do stalinismo. Não digo que a polícia política não deva jamais ter poder político, em nenhuma forma de socialismo. Ninguém jamais se põe a afirmar que Lenin fosse um pacifista. Quando Gorki advertiu Lenin que o número das execuções políticas na guerra civil era muito elevado e nem sempre justificadas, é sabido que Lenin levantou os ombros e disse que nas brigas de espelunca não é possível estabelecer qual o número de socos é necessário. Mas, também, e é mais importante, quando acabou a guerra civil, ele queria expulsar Ordzhonikidze<sup>9</sup> do partido, porque tinha cometido violências no Cáucaso.

Se existe um comitê central infalível, tanto que toda oposição contra este comitê central infalível significa ser um agente estrangeiro, então naturalmente todos os meios para a destruição destes agentes são legítimos e efetivamente foram empregados nos tempos dos grandes processos, entre nós nos tempos de Rákosi e depois de Novotny<sup>10</sup> na Tchecoslováquia e assim por diante.

Deve-se escrever toda a verdade sobre esta questão. Mas na Hungria não pode ocorrer algo semelhante sobre o processo Rajk, porém eu jamais me calei (independente da simpatia ou antipatia pessoal), que Zoltán Horváth<sup>11</sup> foi posto em prisão domiciliar, porque em uma reunião privada se pronunciou de forma não elogiosa sobre Kállai<sup>12</sup> – isto é um escândalo stalinista. A nossa vida pública está ainda longe da superação deste tipo de escândalo. Não afirmemos que ajustamos as contas com o stalinismo, até que este escândalo persista de alguma forma. Não afirmemos que não existe mais o stalinismo, enquanto existe um sistema

<sup>7</sup> Bela Kun (1886 – 1938), fundador do Partido Comunista Húngaro, líder da República dos Conselhos de 1919, secretário do Partido Comunista Húngaro até o seu desaparecimento durante os expurgos stalinistas.

<sup>8</sup> Gyula Hevesi era um dirigente do Partido Comunista Húngaro que participou na Revolução dos Conselhos de 1919 e do governo com o cargo de Comissário da Produção econômica. Salgótarjan é uma região húngara na fronteira com a Eslováquia, uma das primeiras a serem atacadas pelas tropas contrarrevolucionárias de Miklós Horthy.

<sup>9</sup> Sergo Ordzhonikidze (1886 – 1937), membro do partido bolchevique participou da Revolução de Outubro e da guerra civil que se seguiu, foi também membro do Comitê Central do partido e Comissário do povo da indústria pesada. Suicidou-se durante os expurgos stalinistas.

<sup>10</sup> Antonin Novotny (1904 – 1975), secretário do Partido Comunista Tchecoslovaco de 1952 até 1968.

<sup>11</sup> Zoltán Horváth, jornalista, crítico de arte e historiador, colaborou em 1947 a unificação dos partidos operários no Partido Comunista Húngaro e em 1949 foi preso e liberado somente no verão de 1956.

<sup>12</sup> Gyula Kállai, político comunista e ministro do exterior entre 1949 e 1951.

coisificado, influente sobre a vida do país inteiro e milhares e milhares de homens agem em benefício de todo o sistema.

*Fehér* – Frente a certos julgamentos alteramos a ordem natural das nossas questões. Mas uma vez que tenha sido levantada esta questão, se deve falar com uma objetividade geral sobre a possibilidade dos órgãos repressivos e sobre a esfera do direito. Aqui nos encontramos frente a dois errôneos exageros. O primeiro é aquele que podemos atribuir ao nome de Béria. Sobre isto será necessário falar ulteriormente, porque o próprio sentido do marxismo o condena. Mas existe ainda um outro excesso, que defende que o Ministério do Interior não deva interferir nas questões internas. Isto não é apenas equivocado, mas pelo contrário perigoso, porque evidentemente a política, que inicia com a autoilusão, continua com o cinismo. Entre os dois excessos como se pode representar a esfera da ação legal dos órgãos repressivos?

*Lukács* – Creio que deve ser posta concretamente a pergunta: a situação é revolucionária ou não? A situação é completamente diferente, se um movimento combate pela vida ou morte contra um inimigo. Neste caso funciona naturalmente uma legalidade de outro gênero e órgãos repressivos de outro tipo em relação àqueles de tempo de paz.

Em meio a coisas muito inteligentes, faz parte também das coisas que ouvi de Kruschew durante uma conversa, que o pior aspecto dos grandes processos foi que eles eram supérfluos, porque os adversários já tinham sido derrotados politicamente. Acrescento: depois dos grandes processos veio uma ordem desastrosa de Stalin, segundo a qual se devia extirpar radicalmente o trotskismo. Isto significou que se alguém tivesse encontrado em um balneário um condenado com parentes trotskistas e tivesse bebido, junto com ele, uma cerveja numa taberna, poderia então acontecer – conheço casos do tipo - que fosse instaurado um processo e fosse condenado a uma prisão domiciliar de dez anos.

No entanto, se examinarmos não burocraticamente estas questões, mas adequadamente a situação política concreta, então é possível distinguir precisamente os particulares. Esta é uma coisa.

A outra. Estas questões devem ser dirigidas por políticos de alto nível, ótimos e muito humanos. Como era nos tempos de Lenin na União Soviética, com Dzerjinsky<sup>13</sup>, sobre o qual o próprio Lenin disse que tinha um sentido extremo em relação aos fatos e a verdade. O mesmo, por minha própria experiência, posso dizer de Otto Korvin<sup>14</sup> durante a ditadura húngara, que, por um lado, prendeu e justicou os sociais-democratas – e acrescento que eu também fui a favor – quando o Conselho dos Comissários do Povo precisamente não perdoou os dirigentes da conspiração Stencl-Nikolényi. Por outro lado, quando um meu conhecido chegou desesperado me procurando, dizendo que seu irmão tinha tido uma discussão durante as eleições, na qual declarou que as eleições eram um puro engodo, e que a polícia o tinha prendido, pediu para me informar sobre o que tinha acontecido com o irmão. Telefonei para Korvin e quando referi o nome, ele me disse rindo: “veja que eu interroguei este homem e ele é louco e já está em casa”.

Não estou dizendo que Dzerjinsky e Korvin eram homens de grande estatura, mas que é possível encontrar em todos os países centenas e milhares de tipos de homens como Dzerjinsky e Korvin.

Enfim vejo, por um lado, no julgamento da situação e, por outro lado, na escolha dos homens um sistema totalmente incorreto, onde pode ainda acontecer que homens tradicionalmente íntegros se deformem, porque pretendem uma tal ordem das coisas que

---

<sup>13</sup> Félix Edmundovich Dzerjinsky (1877 – 1926) revolucionário soviético de origem polonesa e fundador da Tcheca – a polícia política

<sup>14</sup> Otto Korvin (1894 – 1919), líder dos socialistas revolucionários, um dos fundadores do Partido Comunista Húngaro, executado depois da Revolução dos Conselhos.

está acima das suas possibilidades. Deve-se dizer efetivamente que em toda condição devemos lutar contra a contrarrevolução, mas sempre com as armas adequadas ao tempo.

Atualmente a consolidação e o poder do socialismo são indubitavelmente tais que não é nem mesmo necessário recorrer àqueles métodos, mesmo que de forma limitada, que na guerra civil eram certamente autorizados (mas até certo ponto).

*Féher* – Voltemos a questão fundamental, já por V. abordada, do sistema stalinista de poder. Os dois pontos de vista decisivos, a questão da distribuição, ou como chamava Preobrajenski<sup>15</sup>, a questão da acumulação primitiva socialista e a ameaça externa a União Soviética, que o senhor já mencionou. Poderia referir-se rapidamente quais as consequências decorrentes, o quanto isto foi necessário ou não para a existência do sistema stalinista de poder?

*Lukács* – O problema é tal que seria muito difícil responder detalhadamente. É completamente certo que existiu a necessidade de considerar que uma parte da população agrícola teve que passar para a indústria. Tenho a convicção que, como Lenin fez um desvio no tempo da NEP – ainda não para a construção do socialismo, mas para a inicialização da produção -, como medida econômica, eventualmente com seguras vantagens administrativas, eventualmente com leves pressões, seria estado possível este objetivo, sem uma coletivização que beirasse a extrema brutalidade.

Não creio que nesta questão se deveria ter ido tão longe, até onde foi Stalin. Dado que até mesmo ele era pressionado a fazer concessões a opinião pública, depois das atrocidades dos primeiros tempos, recorro a um certo artigo “Àqueles que o sucesso sobe à cabeça?”. Mas o fato é que a resposta era invariavelmente: “Continuar, andar mais avante!”. Creio que Stalin não analisou a situação de forma apropriada, não ponderou da maneira sensata a questão e avançou com certo exagero, para parafrasear, como se o exagero fosse um *gentleman’s error*, isto é “que os homens sejam essencialmente ótimos companheiros, somente que exageram um pouco”.

Lenin, quando fala de teoria, a cada passo, sublinha que qualquer verdade se torna absurda e louca, se exagerada. Para a teoria gnosiológica de Lenin este é o ponto fundamental. Isto vale também considerando esta política, onde não é possível iniciar do fato que declaramos um princípio, por exemplo, daquilo que é necessária uma distribuição de novo tipo, e então se deve conduzir, invariavelmente, até o fim tal política com todos os meios e em toda circunstância, porque precisamente existe a tendência de se agregarem numerosas situações. Mas então a realidade estabelece um limite a tal política: onde e quando é possível levar a termo tal processo. Creio que seja clara a ordem do meu pensamento: em tais questões existem o exagero, não a exceção. O exagero é um crime contra o marxismo, mesmo quando exageramos justamente uma questão.

*Féher* – Como o senhor chegou a esta categoria, a qual em parte já foi vista claramente, também, em outros escritos e que depois foi explicada detalhadamente na ontologia: a revolução russa não é de tipo “clássico”?

*Lukács* – Lenin, a propósito do tipo não clássico da revolução russa, foi completamente claro. Por revolução clássica os marxistas sempre entenderam (sobretudo aqueles que esperavam a revolução na Inglaterra) que quando o capitalismo exaurisse amplamente as suas próprias possibilidades, teria dado origem a uma nova formação com diferentes meios internos.

Uma boa ilustração disso nos traz Engels: a existência de Atenas. Alguns consideram a pólis ateniense como o desenvolvimento clássico, porque a pólis ateniense nasceu, exclusivamente, da dissolução do comunismo primitivo devido a fatores internos, não como em Esparta ou em outro lugar, onde existiu imigração e submissão de alguns povos, isto é, o

---

<sup>15</sup> Ievguêni Alexeievitch Preobrajenski (1886 – 1937), economista e sociólogo soviético, vítima dos expurgos stalinistas.

possível precedente histórico se compõe de uma formação singular, com uma passagem efetiva a formas de transição teoricamente “puras”, portanto, mais clássicas. Daqui se segue que a nova formação não deveria ocupar-se da destruição da velha formação, mas concentrar-se na construção da nova formação.

Porém, isto faltou em 17 na União Soviética. Este aspecto não era um mistério para Lenin, porque no livro, com o título *O esquerdismo...*, desde o início onde fala da situação exemplar da Revolução russa – que apenas agora a revolução é uma revolução exemplar, isto é, até o momento, enquanto em um país capitalista mais desenvolvido não surgir o socialismo, porque então este se tornará o exemplo.

Mas a história é cheia de Estados potentes e importantes, os quais não seguiram nenhum exemplo clássico. Ninguém dirá que na história grega o papel de Esparta tenha sido secundário. Ninguém dirá que o capitalismo alemão, que em geral não seguiu o exemplo clássico, não foi um fator importante na política europeia. Não se trata disto, mas pelo contrário, que quando é possível falar de uma nova formação, pode ser que seja exemplar para outros. No desenvolvimento russo é importante, e aqui Stalin falsificou o problema, que os russos derrubaram o capitalismo no elo mais fraco. Fizeram o socialismo e sempre será a sua glória que defenderam o socialismo através de intervenções e guerras. Não é possível subestimar a sua importância na guerra mundial. Mas é um erro, se a partir daí se tire a conclusão de que se um outro estado queira construir o socialismo, então deverá necessariamente seguir o modelo russo. Não falo do absurdo que se na América vencesse a ditadura do proletariado, se encontraria alguém que quisesse unir as *farmer* nos kolkhoses. Trouxe intencionalmente este exemplo absurdo, mas também na Hungria ou na Boêmia não seria possível reproduzir o exemplo dos kolkhoses russos. Também na Hungria ou, também, na Boêmia para a transformação da economia nacional deveríamos procurar as formas mais adaptadas economicamente, porque, por exemplo, a agricultura húngara estava em um estágio mais avançado comparada àquela russa de 17.

*Fehér* – Agora tratemos do processo histórico de desmantelamento da centralização stalinista. Quais fatos econômicos e sociais estão na base? Deste ponto de vista qual é o significado geral das reformas econômicas que estão iniciando?

*Lukács* – Creio que nisto se esteja manifestando uma forma de brutal manipulação do stalinismo, como também em alguns fenômenos do capitalismo atual. Penso que estamos exagerando mecanicamente as possibilidades de planificação, um fator extremamente importante. Fazem certos cálculos matemáticos (eventualmente com instrumentos cibernéticos), e com isto trabalham para definir o ulterior desenvolvimento.

O desenvolvimento até certo ponto segue, também, esta linha, depois da qual, por diferentes causas, já não continua. Vejo um erro fundamental na questão da planificação, como vivi, pela primeira vez, na minha experiência na Rússia, que uma centralização incrivelmente séria vem a se realizar em alguns lugares, enquanto em casos inesperados é completamente excluída uma ação real. Não sou de fato um economista, nem mesmo um especialista militar, mas é muito interessante analisar o desenvolvimento militar deste ponto de vista. Acrescento que Marx muito frequentemente se referia ao fato que as linhas características de uma nova formação se revelam primeiramente no âmbito militar, antes, que na vida civil. Sem dúvida em relação ao feudalismo o exército disciplinado, a linha de infantaria, o desfile de ordem unida, etc... desempenhou um papel extremamente importante. Na monarquia absoluta, na sequência, nasce um exército de tal forma organizado que a revolução francesa em confronto com exércitos não organizados fracassa em todos os casos.

Não quero – nem posso – delinear o seu longo desenvolvimento, mas daqueles desenvolvimentos de ordem superior, que chegaram até a Segunda Guerra Mundial, entre a estratégia e a simples tática nasceu não a norma, mas sobretudo o relatório de missão.

Quando se tem exércitos de 15 – 20 milhões de soldados em movimento, era impossível – mesmo sob Stalin – estabelecer nos gabinetes moscovitas, onde os comandantes de batalhão poriam, na floresta próxima de Kiev, as suas armas automáticas. Era possível dizer ao comandante qual seria a sua missão, o comando atribuir esta missão até os corpos de exército e enfim chegar até aos tenentes ou sargentos, que nas margens da floresta deviam agir segundo a sua própria melhor orientação.

Se deve estabelecer, certamente, pontos de vista gerais de uma planificação, e quanto mais avança a questão, tanto maior é a liberdade de movimento que deve entrar no mérito dos respectivos projetos.

Penso, talvez, que a planificação orienta fins estratégicos, mas que as instâncias intermediárias, a empresa, as partes das empresas etc., na realização de objetivos dados, devem ter maior liberdade de movimento, não sou favorável a anarquia, antes compreendo que no plano se devem fixar os objetivos determinados, mas o modo de realização destes objetivos tem economicamente várias variáveis, como anteriormente no exemplo militar.

Isto significa que não é verdade (embora o grande papel que desempenha a ciência e por mais que tenha crescido o papel dos engenheiros nas empresas) que o operário seja um mero executor mecânico de quaisquer normas que foram dadas desde o centro. Sei precisamente – e isto todos sabem que nunca é um problema na fábrica – que não existe um grande modelo, uma máquina perfeita, mas que durante o funcionamento um operário qualificado pode estar em condição de eliminar este ou aquele erro com pequenas mudanças, ou introduzir uma mudança, mais decisiva, através da qual seria possível executar melhor. Faço alusão a dialética da tarefa, do modo de concluir a tarefa; no momento da execução final deve-se considerar, ainda, a competência dos operários individuais. É isto que falta na nossa planificação. Um conhecido meu, muito inteligente, disse que as nossas metas do plano são tão válidas que, sem nenhuma competência, seria possível dirigir uma fábrica. Eu defendo a questão da simples descentralização como uma coisa vazia, se através da descentralização nasce um sistema claramente burocrático.

Somente se introduzirmos a estrutura “tarefa e solução” – inteiramente de cima até abaixo -, somente então poderemos alcançar uma boa produção. Combinando, porque isto se combina, com a democracia da fábrica, os operários têm o direito ativo e prático de participar na realização do plano.

Se for possível eu dar a minha opinião particular, que eu discuti com os dirigentes muitas vezes durante anos. Não existe um perigo para a democracia popular, se existam alguns movimentos contrarrevolucionários, que queiram derrubar o poder. O mal é que existe uma profunda indiferença entre os trabalhadores honestos, herdada dos russos por causa de concepções equivocadas da planificação. Dizem que “se fazem observações, depois criam-se aborrecimentos”, e não acontece nada. Devemos conseguir inteiramente que, até o último trabalhador, se leve em consideração as suas observações, aquelas observações que foram verdadeiramente discutidas, e que se apliquem corretamente na prática. Então se praticará a verdadeira instauração da democracia, nos níveis mais básicos de decisão.

Segundo a minha opinião, do ponto de vista da atual democratização, não é determinante a decisão sobre os grandes problemas, mas sobretudo sobre o mérito das questões cotidianas! Estou convencido disto: não existe muito interesse que a política externa húngara apoie o Egito contra Israel, ao contrário seria extremamente interessante entender o que se fala no bonde, nos mercados cobertos, nos conselhos, nas fábricas etc. Isto é, o que está em relação muito estreita com a vida cotidiana dos homens.

Se neste nível surge a democracia, se estende lentamente em direção ao alto, e lentamente em direção ao alto fará valer a sua influência, porque acima são aqueles que querem assumir este ponto de vista. Segundo a minha opinião, este é o ponto controverso para o nosso desenvolvimento econômico e político.

*Fehér* – Porém, também, existe uma oposição ao princípio da democracia na fábrica, até considerá-la impossível, pois os trabalhadores no fundo não saberiam visualizar os objetivos tecnológicos e econômicos das fábricas.

Qual a sua opinião a este respeito?

*Lukács* – Segundo a minha opinião, atrás de todo tecnicismo se manifesta uma moderna fetichização, em larga medida, apoiada pelos tecnocratas, que é simplesmente falsa. É de grande interesse, que na atual literatura científica cresce, sempre mais, o número dos efetivos especialistas, que vivem o confronto com as concepções do tecnocrático com o maior ceticismo.

Li um trabalho do sociólogo americano de nome Whyte<sup>16</sup>, no qual se ocupa de um ponto essencial que, segundo ele, compromete extremamente o desenvolvimento científico americano, pondo como modelo tecnocrático o *team work*. Naturalmente este é apenas um lado da medalha. O outro pode ser lido em um livro interessante do cientista húngaro que vive no exterior, Selye<sup>17</sup>, publicado agora em húngaro. Partindo da sua própria experiência afirma que se com todos os seus instrumentos analisasse um rato, então, veria mais do que quando se vê examinando as suas partes singulares, decompondo-o. Eu cito agora Selye, mas não sei julgar o problema concreto, porém estou convencido que sobre o tecnocratismo – não falo aqui contra a técnica moderna – se desenvolve uma falsa visão do mundo centrada em acentuado fetichismo, segundo o qual é possível primeiramente observar perfeitamente um desenvolvimento particular e depois o todo complexo.

Alguns anos atrás falei sobre este problema com o sociólogo húngaro Szalai<sup>18</sup>. Szalai, por exemplo, era do ponto de vista que não seria necessário para a medicina interna um exame físico, porque se pode fazer um exame mais preciso para todos com uma máquina cibernética. Isto naturalmente não é verdade, esta é a fantasia de um tolo tecnocrata. Digo, ao contrário, que para o verdadeiro marxista é necessário analisar o ser humano na sua totalidade e a força produtiva e a técnica somente em consideração com o desenvolvimento da integração, do aperfeiçoamento da força humana complexiva, liquidando assim, na teoria e na prática, este fetichismo da tecnização.

*Fehér* – Os exemplos convincentes, os quais V. fez referência, dizem respeito ao trabalho do intelectual e do pesquisador científico. Existe algum paralelo com a vida do trabalhador? Pode-se imaginar que o trabalhador médio possa precisamente compreender o processo tecnológico?

*Lukács* – Atrás de tudo isso existe, naturalmente, uma questão filosófica, ontológica, e seria oportuno falar do meu próprio fundamento filosófico. Fiz a experiência de analisar a ação humana, e não existe uma ação humana da qual antes do seu desenvolvimento se possa calcular todas as circunstâncias e as consequências. Portanto, se pode também imaginar uma máquina qualquer e pensar também de aperfeiçoá-la tecnologicamente e transferir isto para a prática, mas estou profundamente convencido que junto a isto emergem, constantemente, problemas particulares não fundamentais, que os homens compreendem melhor, ocupando-se todos os dias.

Aqui não saberia analisar como um especialista, mas li a literatura sobre o problema, e penso que entre o pesquisador biológico e a prática médica existe um perigo semelhante àquele que se passa entre a produção de máquinas e a fábrica. Veja na Alemanha o processo “Contergan”<sup>19</sup>, onde algum “especialista” em química fez experiências e afirmou que era um

<sup>16</sup> William Hollingsworth Whyte, *The organization men*, Nova York, 1956.

<sup>17</sup> János Selye, *Életünk és a stressz* (A nossa vida e o stress), Budapeste, 1964.

<sup>18</sup> Sándor Szalai (1912 – 1983), sociólogo húngaro.

<sup>19</sup> O Contergan era um medicamento que continha o produto talidomida, comercializado nos anos cinquenta e sessenta como sedativo, anti-náusea e hipnótico, que causava gravíssimas deformações dos membros de crianças nascidas de

excelente produto, mas na realidade aquelas experiências eram dirigidas exclusivamente para criar uma ilusão, e por isso não foram citados os danos provocados nos seres vivos.

*Féher* – O problema da democracia de fábrica levanta o problema geral da democratização. A questão fundamental, aqui, é que no processo de democratização, evidentemente, o partido desempenha um papel dirigente. Como é possível imaginar a vida democrática do próprio partido, entre a democracia de partido e as novas circunstâncias?

*Lukács* – Creio que na Comuna de Paris e na Revolução russa, nos conselhos operários realmente eleitos, se tenha encontrado uma forma genial de democracia direta. Lamentavelmente, na União Soviética cessou lentamente, e no seu lugar foi instaurada uma democracia exclusivamente parlamentar. Sou apegado, por isto, a concepção que se deve dirigir a democracia “desde a base”, porque desde a base existem os seres humanos, em uma relação real direta com as coisas que lhes interessam verdadeiramente: na própria fábrica, naturalmente, todos sabem julgar quem é um bom operário ou não.

Com isto, substancialmente, me agradaria chegar, se fosse possível, para assim me expressar, ao estado de espírito público, ao público. Estas coisas indestrutíveis sempre acontecem. Isto não pode surgir por um decreto econômico, pelo qual na manhã do dia seguinte haveria uma tal ou tal reação geral de espírito no mercado ou no bonde.

Devemos procurar algum modo de organizar a sociedade pelo qual o estado geral de espírito possa se tornar um componente da vida pública e que isto seja possível encontrá-lo mediante a democratização dos órgãos inferiores.

Hoje este estado geral de espírito não é considerado, porque não se tem à disposição nenhum tipo de poder. Se em uma fábrica se trata de fazer funcionar uma nova máquina, então não se pode decidir sem a opinião dos trabalhadores que dirão que coisa é vantajosa para eles.

Se criarmos instituições para que o estado geral de espírito existente efetivamente obtenha voz, então existirão consequências práticas sobre a opinião da maioria, então a opinião pública perceberá também a irresponsabilidade atual. Aqui seria necessária uma grandiosa, real, educação para a democracia. Dois anos atrás, em uma entrevista à *L'Unità*, expliquei que seria necessário que os órgãos centrais do partido se associassem as camadas inferiores, de base, da sociedade, para a democratização. Contra aqueles que por hábito querem impedir a democratização, por defenderem por pré-juízo as próprias posições de poder.

*Féher* – Se defendermos esta fórmula, falamos daqueles que estão no centro, dos dirigentes de base e mais elevados da democracia que se vai delineando. Este é o aparelho. Como é possível chegar, e novamente a questão da democracia no partido, se na direção existe a burocracia, que, no entanto, desempenha a função da qual é competente?

*Lukács* – Temos uma grande experiência na história: pensemos quando eclodiu a Revolução francesa e foi atacada pelos exércitos dos Habsburgo e dos Hohenzollern. Então nível médio – neste caso em consequência da traição – foram considerados fracassados. Aconteceram catástrofes extraordinárias. Mas as catástrofes ocorreram porque a honra e a boa-fé dos oficiais não estavam adaptadas à nova estratégia e à nova tática. A Revolução francesa e Napoleão, na época, realizaram uma gigantesca reeducação e uma troca de confiança. Mas se não se realiza a transformação, então não serão percebidos como necessárias nem a reeducação nem em parte a mudança.

Que me seja permitido citar Lenin novamente, que em um discurso, após a introdução da NEP, disse que o maior herói da guerra civil deve deixar o posto, se não sabe e não quer adaptar-se às novas condições. Não é admissível o ponto de vista segundo o qual

---

mulheres que o tinham usado. A venda ocorria em mais de cinquenta países, mas em 1961 foi proibida a sua comercialização.

se deva adaptar-se a burocracia, antes é verdadeiro e desejável o contrário. Acrescento: creio que a burocracia é cheia de homens de talento, que, em segredo, defendem que é possível extinguir este mal sistema; e, naturalmente, é cheia de homens sem talento e maus, incapazes de adaptar-se as novas tarefas. Não vejo absolutamente o porquê, se no tempo de Cromwell era possível substituir os generais, que hoje não seja possível substituir os chefes de contabilidade.

*Fehér* – A reeducação é seguramente uma parte singular destas novas tarefas. Mas gostaria de saber mais substancialmente o problema geral da democracia de partido. Poderia mencionar com algumas características àquelas condições que, segundo o senhor, seriam necessárias para o desenvolvimento democrático da vida do partido?

*Lukács* – Parto aqui novamente do fato que é possível uma organização de partido que seja viva, sempre que se ocupe com competência da vida interna, porque então aqueles dirigentes falam como especialistas da questão, e de tal maneira é possível pôr a questão da democracia. Isto não acontece se as organizações do partido se ocupam exclusivamente de questões gerais externas. Recordo as reuniões do partido na União Soviética, quando na célula do Instituto de Filosofia se discutia a questão da estabilização do capitalismo. Naturalmente cinco intervenções davam o seu parecer e a maioria votava unanimemente as propostas deliberativas. Nesta questão, portanto, se deve retornar ao sistema soviético, onde existe uma relação com a vida vivida. Os homens expõem as suas experiências em circunstâncias concretas, e se pudesse vir a criar alguma coisa, uma certa iniciativa, através, precisamente, da discussão efetiva daqueles problemas, dos quais é plena a vida cotidiana. Somente que não se fala dos fatos cotidianos dos trabalhadores, porque se consideram já quase determinados por um destino. Ao contrário deveria nascer uma tal democracia, na qual realmente toma parte a camada social dos trabalhadores, e na qual possa ter um papel dirigente o partido que representa o interesse geral.

*Fehér* – Permita-me uma objeção. Na realidade, este problema, que V. levantou, é uma parte importante da vida vivida e real das organizações do partido, mas somente uma parte. O problema fundamental da democracia do partido é que no momento em que nasce a política do partido, em que medida os membros do partido controlam esta política no seu conjunto. Alguns dias atrás surgiu uma interessante proposta, pela qual em certas questões a organização central do partido apresenta propostas alternativas frente aos membros do partido. Considera isto suficiente para a implantação da democracia do partido, ou são necessárias outras modalidades e procedimentos?

*Lukács* – Não considero isto negativamente, somente que aqui, novamente, se deve considerar que nenhum sabe assumir uma atitude competente em todas as questões, se não está preparado. Defendo que a substância da democratização é a possibilidade da alternativa, onde é possível assumir uma posição ponderada e confirmada pela experiência, como para o problema descrito acima das tarefas da produção. Como disse Lenin: “Neste caso também a cozinheira sabe governar o Estado”. Naturalmente, ao contrário, existem uma série de questões do partido, sobre as quais nem todos sabem dar um parecer. Mas, também, aqui se pode fazer mais, se desaparecessem as barreiras profissionais, que hoje existem por exemplo entre a técnica e a fábrica, entre a cultura e as grandes massas, e se deixasse os homens manifestem o próprio ponto de vista nestas questões, mesmo que fossem pontos de vista incorretos. É bem melhor que um ponto de vista incorreto chegue à organização do partido, no lugar que só se fale descendo a escada.

*Fehér* – Mas fundamentalmente foi levantada, no entanto, a questão da liberdade de expressão. A liberdade de expressão dentro do partido: existe o direito formal, sempre com a preocupação inerente a própria fração. Como se poderia distinguir a troca democrática de opinião dentro do partido e a existência de frações, que se considera depois incompatível objetivamente em cada partido?

*Lukács* – Acredito que a fração seja ainda perigosa para um partido, se torna-se uma fração organizada. Mas se existem opiniões comuns entre cinco ou dez dirigentes sobre os equipamentos das fábricas ou sobre uma questão teórica, e eventualmente se conversa em casa, no café ou em um clube, ou mesmo durante uma reunião do partido – ai meu deus! -, não vejo nenhum perigo neste caso. Não é possível permitir a fração organizada, mas é possível criar uma vida democrática assim que todos tenhamos uma opinião própria, independente, porque sobre cada questão existem três ou quatro possíveis recortes, e naturalmente os homens procurarão um ao outro de opiniões semelhantes e cooperarão. Não vejo nenhum perigo nisto.

Nos tempos de Stalin existia o perigo colateral que a direção do partido queria atomizar os membros do partido, entendendo ao mesmo tempo que não era permitido formalmente a cada membro do partido ter uma opinião pessoal, mas surgia imediatamente a suspeita de fracionismo, se mais pessoas tivessem uma opinião comum.

A minha experiência é que, naturalmente, em primeiro lugar no que concerne a literatura e a ciência, é impossível o desenvolvimento sem a evolução de diferentes tendências. E devemos, pelo contrário, defender o desenvolvimento destas tendências. Efetivamente, quanto mais a opinião pública – da qual falei anteriormente – se cristaliza sobre certos grupos de tomada de posição, o esclarecimento é mais fácil.

O único critério é que a disciplina de fração seja proibida, isto é, que dentro de uma tendência não seja permitido fazer pressão sobre ninguém. E sempre existem formas para pressionar, no modo de agir de um diretor de instituto ou de uma redação existe o exercício de certa pressão. Se existe uma pressão semelhante, deve-se agir contra esta.

Talvez espontaneamente, em qualquer questão, da manutenção da máquina até a questão mais científica possível, se formam tendências, isto só pode ter um efeito positivo.

Neste fato, o meu parecer, é em todos os contextos tão evidente, resultando simplesmente óbvio que para um problema surgido novamente não existe somente uma solução, mas uma infinidade de soluções. Portanto, a formação de tendências é um resultado evidente do próprio problema.

Se nos assustamos com a lembrança do stalinismo em relação as diferentes tendências, então não saberemos jamais implantar, conseqüentemente, a democracia e o direito.

*Fehér* – Se defendemos o problema das tendências, falamos claramente da questão ideológica, sobre a questões das tendências internas ao marxismo. Considerando o princípio da objetividade da verdade, como podemos explicar a legitimidade das tendências existentes e concorrentes no interior do marxismo?

*Lukács* – Não esqueçamos que Marx definiu que a ideologia cria certos conflitos nas relações dialéticas entre forças produtivas e relações de produção, e a ideologia serve quando praticamos estes conflitos. Não existe a filosofia, não existe a ciência, com algum valor, se não pelo fato que nasce de algum conflito onde se combate ideologicamente.

Desde que o imperialismo nasceu, naturalmente também no movimento operário surgiram as mais diferentes tendências, entre as quais existiam tendências gerais que se afastavam do marxismo. Com muitas poucas exceções, seria possível citar Rosa Luxemburg, Lenin e outros, que defendiam com admiração a verdadeira tradição marxista e mostravam uma conduta em relação ao fato que enfrentavam novos problemas, que não estavam presentes e não podiam estar nas posições históricas de Marx, porque Marx morreu em 1883, quando não havia ainda nascido economicamente o imperialismo. Em qualquer parte, existiram equívocos, mas foi um gigantesco mérito de Hilferding, de Luxemburg e de Lenin, que com os instrumentos do marxismo foram capazes de compreender as forças e os novos fenômenos.

No renascimento do marxismo vejo uma dualidade. Por um lado, se deve reconhecer que até o momento que um outro estudioso semelhante ou de maior importância não apareça sobre a cena, Marx desenvolveu do melhor modo a análise dos fenômenos científicos. Por outro lado, com a ajuda deste método se deve rever aquilo que aconteceu depois da morte de Marx, por exemplo, na economia. Refiro-me ao fato absolutamente novo, como exemplo, do ingresso da indústria de consumo e dos serviços na economia. O renascimento do marxismo, neste sentido, consiste no fato de utilizar o seu método e de não acreditar nas tolices manipulatórias da burguesia. No início do meu ensaio com o título “O que é o marxismo ortodoxo?”, escrevi: “admitido – mas não concedido – que se as investigações mais recentes provarem sem alguma dúvida o equívoco material de certas afirmações de Marx no seu conjunto, mesmo assim o método marxista permanece válido e se deve seguir o método marxista”<sup>20</sup>. Acrescentei a interpolação “mas não concedido”, porque o desenvolvimento refutou muito pouco do que Marx afirmou e do que Marx foi, basicamente, o primeiro a afirmar. Na nossa conversa anterior me referi ao fato que Marx viu, precisamente, a passagem da mais valia absoluta a mais valia relativa, embora no seu tempo ainda estivesse em germe. Portanto, quem está disposto a estudar verdadeiramente Marx, pode elaborar o método que com a sua ajuda pode dar uma explicação marxista dos fenômenos econômicos atuais, não existentes naquele tempo e não conhecidos por Marx.

O método marxiano se caracteriza por esta dualidade. Por um lado, o método é preciso contra a sua ossificação, que ocorreu na época de Stalin, pela qual saíram coisas tão absurdas como, por exemplo, o cancelamento do sistema de produção oriental da teoria marxista. Por outro lado, nós devemos nos preocupar em reafirmar o método contra aqueles que, reconhecendo no Ocidente uma divergência, deixaram cair, efetivamente, em desuso o próprio marxismo – propondo um novo método. Segundo a minha convicção, é possível enfrentar os novos problemas hoje existentes e resolvê-los com um método marxista bem definido.

O desenvolvimento das atuais circunstâncias mostrou não apenas o desmoronamento do stalinismo na União Soviética, embora, na minha opinião, o processo não tenha sido ainda concluído, com grandes possibilidades de desenvolvimento, mas por outro lado, se pode ver que por causa da guerra do Vietnã, das questões raciais e tantas outras questões que tiveram efeitos terríveis nesta ideologia manipulatória neopositivista que domina no Ocidente, existem em todo mundo, na Itália, na França, mas também na Alemanha, na Inglaterra e na América, uma massa de homens que pesquisam o método marxista.

Neste momento, todos nós estamos no estágio da investigação. Estou subjetivamente convencido – e não teria dedicado metade da minha vida, se não estivesse convencido -, que a minha maneira válida de procurar a renovação metodológica do marxismo seja a válida; ou seja, que se deve partir da particularidade do ser social e, deve-se analisar desta particularidade como propriedades e relações do ser. Estou consciente que este é o meu ponto de vista e posso enganar-me, mas creio que estou com a razão.

Todavia, hoje a essência da coisa é que o interesse é iniciado em direção ao marxismo, que se desenvolve sobre ele um grande debate de dimensão internacional e destes debates renascerá o marxismo. Isto não é novo no movimento operário. Também, o aparecimento de Lenin representou uma certa revolução na história do marxismo, porque levou novamente, para um primeiro plano, uma série de pontos de vista esquecidos, ou que não estavam postos corretamente ou incorretamente, para o centro da teoria.

Não digo que Lenin tivesse razão em todas as questões. Não tinha, por exemplo, quando acreditava que o obstáculo ao capitalismo monopolista era a questão das forças produtivas, sobre o que escreveu no seu livro sobre *O Imperialismo...* Este seu prognóstico

---

<sup>20</sup> A citação que Lukács, provavelmente feita de memória, é ligeiramente diferente do texto do ensaio, sobretudo depois de “mas mesmo assim”.

não se demonstrou válido. Ao contrário disto, se olharmos para o marxismo, se como exemplo tomarmos o desenvolvimento alemão – então não estaria convencido disto – na crítica de Engels ao Programa de Erfurt, escrita em 1890, existe no seu interior, para assim dizer, os problemas gerais cruciais das reformas democráticas da Alemanha atual; só que se deve procurar desembaraçar os problemas. Antes de tudo para voltar a Marx, mas a condição – parece banal, mas se deve afirmar – é ler todo Marx: não aquelas coletâneas reunidas pelos companheiros russos, porque são manipuladoras. Da obra inteira de Marx o método filtra e deve se verificar com a realidade atual e na realidade atual identificar verdadeiramente as tendências dominantes. Com certeza, um homem isolado não conseguirá isto, porque não existe hoje um homem com um gênio como o de Marx. Conseguirão, porém, uns 20, 30 ou 50 homens que aparecerão nos debates em curso.

A tarefa do partido seria utilizar o livre desdobramento destas tendências, destes debates, para poder captar a ideologia desde o ponto de vista político.

*Fehér* – Talvez V. capte, substancialmente, as tendências como possibilidade de soluções relativas as alternativas de períodos sempre renascentes, que - como eu disse - são numerosos, mas não infinitos. Como regular a partir de agora a relação geral do partido ao marxismo como ciência do desenvolvimento?

*Lukács* – Tenho a convicção que estamos frente a um problema completamente novo. Stalin queria fazer do modo que o secretário do partido fosse o guardião e responsável pelo desenvolvimento ulterior do marxismo. Isto foi um fracasso completo em todos os lugares e agora, no caso de Novotny, esperamos estar frente a superação de um último fracasso do gênero. Segundo a minha opinião, se trata de um problema inteiramente novo, porque demonstra que a direção científica da sociedade contemporânea é uma coisa muito mais complicada que em relação ao passado. Homens como Napoleão ou Bismarck, podiam resolver isto pessoalmente com alguns com alguns conselheiros. Mesmo que isso não os assegurasse contra os fracassos, precisamente também nos casos de Napoleão e Bismarck.

Na sociedade burguesa contemporânea surgiu nos últimos tempos o problema do assim chamado *brain trust*. O que é o *brain trust*? Não apenas os políticos, mas também os dirigentes das grandes empresas, sabem que os especialistas não são capazes de ver verdadeira e validamente os problemas na sua complexidade. Se repensamos nos melhores casos que conhecemos da sociedade burguesa, por exemplo Roosevelt, e em menor medida Kennedy, vemos que ao redor deles se organizam grupos de análise e trabalho, que não devem ser dependentes da burocracia, que não se põe principalmente os problemas do desenvolvimento sucessivo da administração, e que não representam os interesses de qualquer ramo da administração, mas que tem principalmente as próprias opiniões independentes e que a partir destas se engajam em propor as linhas gerais a seguir.

Não penso que nós devamos introduzir um *brain trust* central. Estou convencido que a democracia socialista nascerá, onde em cada fábrica, os operários mais inteligentes, para os problemas concretos, formarem um *brain trust*. O desenvolvimento da democracia deve seguir nesta direção.

Naturalmente isto não se relaciona, diretamente, com as questões decisivas da teoria marxista. Aqui a direção do partido deve organizar uma relação do mesmo gênero entre cientistas, publicistas e, em certos casos, também artistas, que representam a teoria social.

Se Marx vivesse hoje e fosse secretário do partido, teria pedido a opinião de Balzac em numerosas questões econômicas. Menciono isto apenas como um exemplo extremo. Aqui não se trata da seleção burocrática, mas antes de organizar a ideologia de modo que crie visões melhores e mais práticas, quando entre em contacto com a direção política, e que a direção política saiba utilizar estas coisas. Sou levado como homem de teoria a reconhecer esta necessidade. Deve-se dar a esta necessidade uma forma bem-organizada, e o partido deve realizá-la sucessivamente com a própria prática, e estou convencido que em diferentes estágios de diferentes partidos se deve achar esta ou outras formas. Não sei se uma forma

fixa de estatuto se desenvolverá e é impossível saber como procederão, mas se a direção política do partido não se apressa a defender esta relação com a teoria, permanecerá parado.

*Fehér* – O renascimento do marxismo, como pensamento revolucionário, nunca será a partir das questões consideradas acadêmicas, mas sim, como se disse anteriormente, é uma questão fundamental do ponto de vista das tendências da sociedade moderna, da sociedade socialista. De que modo o renascimento do marxismo está relacionado com as reformas econômicas apenas iniciadas e com a democratização iniciada? Existe uma relação entre estas, e poderiam ocorrer deformações, se não se for até o fim com o renascimento do marxismo?

*Lukács* – Direi que esta é a última resposta, que não existe garantia que não possam surgir deformações.

Na sociedade, partindo do trabalho, a ação de todos os homens tem um tal caráter que é posto em movimento por um fim determinado, quando é posto em movimento por um certo processo causal. Não se pense agora nisto como uma grande coisa filosófica: se carrego uma revólver na minha mão e aperto o gatilho, ponho então em movimento um processo causal, isto é que dispara a bala. A questão essencial é que eventualmente bons fins, ou maus fins sejam postos, não é seguro cem por cento, mesmo no mais simples dos casos, que o processo causal corresponda àquele fim que eu pus e é ainda menos seguro que o meu fim fosse justo.

Portanto no caso da sociedade, onde a totalidade dos processos causais é posta em movimento por milhões de fins de milhões e milhões de homens, naturalmente não posso afirmar de nenhuma disposição de algum gênero, que seja uma disposição infalível, que resolverá esta questão definitivamente; antes devo olhar as coisas com olhos de seres humanos e lá intervir com processos cuidadosos, onde vejo que acontece qualquer coisa de errado.

Se tomo por exemplo a escalada da violência, referida e falida no Vietnã, onde sem uma consideração real do inimigo, desenvolveram uma estratégia, no mesmo momento no qual o inimigo passava ao ataque, quando ao contrário, segundo a escalada, deveria já ter sido destruído. Contra isto, não foi um comunista, antes como foi dito, foi Napoleão, que compreendeu a essência da estratégia: “*on s’engage et puis on voit*” (lutemos, e depois veremos). É sabido que este era um dos ditados preferidos de Lenin. Nasceriam, por exemplo, dos processos sociais nos quais estamos “engajados”, segundo os nossos melhores especialistas. Mas os nossos melhores especialistas não podem referir infalivelmente os fatos e que chega o “*et puis on voit*” (e depois veremos) de Napoleão e Lenin.

O talento político, a capacidade política consiste nisso que a visão mostra tanto precocemente quanto mostra cedo e nitidamente. É claro que não é possível compensar isso, e aqui o método de Marx vem em nosso auxílio; mas geralmente nunca é seguro que todos os membros do *politburo* em função disponham da visão de Lenin. Para o efetivo trabalho coletivo, para a efetiva organização do partido vão selecionados os melhores homens e os melhores homens serão diligentes em corrigir os erros em tempo. Enfim cito mais uma vez livremente Lenin que no *Extremismo doença infantil do comunismo* disse que não existe aquele homem que não comete erros. O homem inteligente é aquele que relativamente não comete erros muito grandes, mas aquele que rapidamente os corrige. É possível que esta sabedoria viva no campo da teoria e no campo da política, mas só se as duas se movem juntas não mecanicamente.